

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**José Raul Araujo**

**TELEJORNALISMO: OS OBJETIVOS NOS PLANOS DE ENSINO.**

**Sorocaba/ SP**

**Novembro 2005**

**José Raul Araujo**

**TELEJORNALISMO: OS OBJETIVOS NOS PLANOS DE ENSINO.**

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.**

**Orientadora: Profa. Dra. Eliete Jussara  
Nogueira.**

**Sorocaba/ SP**

**Novembro 2005**

**Ficha Catalográfica**

A689e Araujo, José Raul  
O ensino de telejornalismo : um estudo sobre a formação  
profissional / José Raul Araújo. -- Sorocaba, SP, 2005.  
000 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliete Jussara Nogueira  
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de  
Sorocaba, Sorocaba, SP, 2005.  
Inclui bibliografias e anexos

1. Telejornalismo. 2. Telejornalismo - Plano de ensino. 3.  
Jornalismo – Estudo e ensino. I. Nogueira, Eliete Jussara, orient. II.  
Universidade de Sorocaba. III. Título.

**Bibliotecária: Regina Célia Ferreira Boaventura**

**José Raul Araujo**

**TELEJORNALISMO: OS OBJETIVOS NOS PLANOS DE ENSINO.**

**Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes professores:**

**Ass. \_\_\_\_\_**

**1º Exam.:**  
**Prof. Dr. Juliano Maurício de Carvalho**  
**UNESP**

**Ass. \_\_\_\_\_**

**2º Exam.:**  
**Profa. Dra. Maria Lúcia de Amorin Soares**  
**Universidade de Sorocaba**

**Nota:**

**Sorocaba/ SP**

**Novembro 2005**

**Dedico cada página deste trabalho,**

**ao meu filho Willian que soube compreender minha ausência durante a execução desta dissertação.**

**Aos meus colegas famosos e anônimos que me ensinaram a “fazer televisão”.**

**Aos amigos próximos e distantes que contribuíram para que este trabalho fosse concluído.**

## RESUMO

A procura por curso de comunicação aumentou e o número de cursos de nível superior também, cada vez mais o profissional de jornalismo tem responsabilidades na sociedade, pois ainda é um influenciador de opiniões. Neste contexto qual tem sido os objetivos dos cursos de jornalismo, frente ao profissional de telejornalismo que está formando, são preocupações técnicas, éticas, ou ambas. Esta dissertação tem como tema o ensino de telejornalismo, e como objetivo principal, identificar no conteúdo dos planos de ensino, de 28 cursos de Jornalismo no Estado de São Paulo, quais os objetivos propostos para a formação do profissional em telejornalismo. Este estudo foi desenvolvido apresentando a trajetória da TV, o cotidiano do jornalista que atua na televisão, os vários tipos de jornalismo e as possíveis manipulações da notícia, e sua influência na sociedade na construção da opinião pública. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, com levantamento dos cursos de jornalismo no Estado de São Paulo, e uma análise de conteúdo sobre os objetivos propostos por 14 planos de ensino. Os resultados apontam para objetivos relacionados ao domínio da técnica, a história da televisão e a ética do jornalismo. O ensino de jornalismo vai além dos planos de ensino, mas os objetivos são as metas que o professor deve ter claramente definida para interferir no processo de aprendizagem de seus alunos.

**Palavras-chave:** telejornalismo, jornalismo e plano de ensino.

## ABSTRACT

Lately many people are looking for communication courses and the professional which works with journalism needs more responsibility because he is opinion maker. In this context, the objectives of this courses are more technical than ethic , or both. The meaning of this dissertation is journalism teaching and the main objective is find out how the 28 universities in São Paulo State teach tv journalism. This job brings de story of television, day work of the tv journalist, the manipulation of opinion in broadcast news and the influence of this kind of work in the people minds.

One qualitative research was made to find out what these 28 schools have in theirs teaching plans and what they have on it. Fourteen objectives of the teaching plans were analyzed and the result indicates that the contents of these courses are more technical. The journalism teaching has to go through of the teaching plans and the target has to be more specific and the teacher has to know that he has to interference in the learning process of the students.

**Key words:** TV journalism, journalism and teaching plans.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1. TELEJORNALISMO .....	12
1.1 As tevês pioneiras no Brasil .....	12
1.2 O primeiro jornal nacional.....	17
1.3 O cotidiano do profissional em jornalismo .....	19
2. VÁRIOS JORNALISMOS NUM SÓ MUNDO.....	32
2.1 Padrões de manipulação .....	34
3. TELEJORNALISMO – OBJETIVOS DOS PLANOS DE ENSINO .....	44
3.1 Objetivos.....	44
3.2 Procedimento .....	45
3.3 Resultados.....	45
3.4 Análise dos objetivos dos planos de ensino em telejornalismo .....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXOS .....	70



## INTRODUÇÃO

Centenas de novos jornalistas são formados anualmente pelos 324 cursos distribuídos em todo o país. Pelo menos 25 por cento deles têm interesse em atuar na televisão. Comigo também não foi diferente. A paixão pela TV surgiu cedo, mas só aos 17 anos, comecei trabalhar efetivamente numa redação depois de ficar plantado na porta de uma emissora durante dias para fazer uma entrevista, como tarefa de uma disciplina quando cursava o ensino médio. Esta insistência me rendeu o primeiro emprego como assistente de produção na TV Record. Desde 1977 até hoje passei por outras emissoras de televisão como a TV Cultura e Globo. Nesta última fiquei mais tempo. Trabalhei em São Paulo, Nova Iorque, São José dos Campos e Sorocaba, onde fui participar da implantação do departamento de jornalismo.

Depois de descobrir o que um assistente de produção fazia, fui promovido para produtor, pauteiro, chefe de reportagem, repórter, editor, editor-chefe e chefe de redação.

Nesta época trabalhava mais de dez horas, diárias, inclusive aos sábados, domingos e feriados. Então decidi deixar o telejornalismo. Esta escolha veio quase dois anos depois da decisão mais importante de minha vida: a de adotar uma criança.

Com a carga de trabalho que tinha não havia tempo para me dedicar à condição de pai. O jornalismo requer dedicação total e diária, não diferente de uma criança de

oito anos, ao meu ver. Tirei uma criança do abandono para abandonar dentro da minha própria casa! Nesta época, então, surgiu o convite para assumir a disciplina telejornalismo na Universidade de Sorocaba - Uniso. Um convite que achei absurdo a princípio, jamais havia cogitado a possibilidade de ser professor.

Naqueles dias, a experiência de mercado que eu tinha “era suficiente” me disseram. Ainda bem que não acreditei. Por causa disto voltei a me dedicar aos estudos. Estar na sala de aula era o caminho que me desviava da carga de trabalho intensa do jornalismo, mas me conduzia para o preocupante desconhecido.

Nos dias de hoje, paralelamente à condição de educador, me dedico ao gerenciamento do Canal Universitário Campinas, uma tevê a cabo formada pela Unicamp, Universidade São Francisco, Unip e Puc Campinas. Por causa desta atividade, tenho contato diário com jornalistas recém-formados ou em formação que fazem estágio ou trabalham junto comigo. Neste contato percebi também as deficiências que os jovens profissionais carregam com eles. Então, unindo estas duas pontas decidi pesquisar a formação do profissional em telejornalismo.

Nesta pesquisa pretendo identificar o conteúdo dos planos de ensino, utilizando os objetivos da disciplina telejornalismo nos 86 cursos das 68 faculdades e/ou universidades no Estado de São Paulo, procurando conhecer os objetivos que o curso tem com relação ao profissional que está formando, como estão sendo preparados os alunos que vão atuar nas redações das emissoras de televisão nas questões ligadas ao conteúdo, técnica e habilidades que desejam formar. Tendo como hipótese que os

professores nessa disciplina, e, portanto em seu plano de estudo, valorizam mais as questões técnicas, habilidades de manejo, em detrimento de conteúdos reflexivos.

Acho importante salientar que tais hipóteses são resultados de minha percepção desenvolvida em sala de aula durante os quase nove anos de atividade na Uniso, em minha experiência de mais de vinte anos no mercado e também de estudos sobre ensino em telejornalismo.

Este trabalho foi construído em três capítulos. No primeiro, faço uma trajetória desde a apresentação das primeiras emissoras de televisão no país- que este ano comemoram 55 anos, apontando as dificuldades, os desafios, tramas, sucessos e descobertas. Na seqüência apresento o telejornalismo e sua conquista levando o sinal para todo o território nacional e ainda o cotidiano do jornalista que atua em televisão. Aqui trago um pouco da discussão sobre o que é notícia e a visão de alguns autores. Em seguida apresento o trabalho do pauteiro e a condução dos assuntos que vão guiar o dia dos jornalistas e servir de fonte de informação, à noite, para algumas pessoas. Passo pelo trabalho de apuração e sensibilidade do repórter e editor, finalizando então, com a apresentação da notícia propriamente dita.

O objetivo do capítulo dois é mostrar os vários jornalismo que existem e seus interesses. Não tenho pretensão de discutir a indústria cultural, tampouco trazer a ética, mas lembro aqui o conceito divulgado por Adorno e Horkheimer em *A Dialética do Esclarecimento* (1985) onde a indústria cultural ao pretender a integração vertical dos seus consumidores, não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas, em grande escala determina o próprio consumo. Mostrar também os padrões de

manipulação das notícias que mexem com o imaginário da sociedade numa mistura do que é real e irreal, ou ainda o que informa ou deforma na construção da opinião pública, tema que deveria ter grande espaço no programa de formação nas escolas de jornalismo.

No capítulo seguinte, os objetivos dos planos de ensino, apresento uma pesquisa identificando, as escolas de formação para jornalismo, levantamento realizado junto ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais –INEP; e uma análise dos objetivos propostos pelos planos de ensino da disciplina de telejornalismo, em vinte e oito cursos no Estado de São Paulo.

Finalizando com algumas considerações sobre a formação do profissional que vai trabalhar em jornalismo e a função das escolas de formação, do próprio aluno e do professor neste processo de ensino-aprendizagem.

## **1. TELEJORNALISMO**

### **1.1 As tevês pioneiras no Brasil**

A televisão chegou ao Brasil pelas mãos de Assis Chateaubriand com a inauguração, em 18 de setembro de 1950, da PRF-3 TV Tupi Difusora – Canal 3 em São Paulo e no ano seguinte a TV Tupi do Rio de Janeiro. A programação era improvisada, na época não existia vídeo-teipe e para manter a mesma programação em São Paulo e Rio a TV Tupi era obrigada a ter esquemas semelhantes de produção nas duas cidades, produzindo ao vivo adaptações de filmes de sucessos, teleteatros, transmissões esportivas além de programas de entretenimento e musicais.

Nesta época o Brasil tinha cerca de 52 milhões de habitantes e existiam apenas sete mil aparelhos de tevê no eixo Rio- São Paulo, visto a indústria brasileira não ter condições de fabricar aparelhos e Assis Chateaubriand começou então uma campanha estimulando a nação a comprar um aparelho de tv para que se tornasse efetivamente uma realidade no Brasil. Depois desta iniciativa, começou a fabricação nacional de televisores e conseqüentemente a queda nos preços.

Ainda na década de 1950, os cunhados Paulo Machado de Carvalho e João Batista do Amaral criaram as tevês Record, em São Paulo, e TV Rio. A TV Rio ficou no ar durante 22 anos e chegou a ser líder de audiência com o programa TV Rio Ring, um programa de boxe que era apresentado aos domingos, em 1958. Esta emissora trouxe para o país o vídeo-teipe em 1960, colocou a primeira novela

diária no ar e formou um grande número de profissionais: Jô Soares, Chico Anísio, Geraldo Casé e Walter Clark.

Mas a TV Rio, depois de passar muito tempo no vermelho e ser vendida várias vezes, teve sua concessão cassada em 1977. “A TV Rio passou a servir de elemento de negociatas; pelo menos é o que nos indica a freqüência das transações, cassações e o fato de as vendas terem sido efetuadas sem qualquer autorização do governo”. (COSTA, 1986, p.141).

Em 1959 foi criada a TV Excelsior que esteve ligada ao nacionalismo político presente nos anos 60. Com um lugar de destaque na história da televisão brasileira e com uma programação que refletia a cultura do país, foi uma experiência que durou pouco tempo. Em 64 a censura política, que atingia todo tipo de criação intelectual, foi mais rigorosa com a Excelsior, visto que seu proprietário, Mário Wallace Simonsem, um exportador de café, ter ligações com Jânio Quadros e fazer oposição aberta às articulações golpistas, segundo alguns autores. Em 1969, teve sua concessão cassada.

Mas foi na década de 60 que se desenvolveu efetivamente a televisão brasileira, período em que as diversas emissoras existentes dividiam a audiência dos telespectadores. Foi quando a emissora da família Machado de Carvalho viveu o auge com a criação dos musicais e grandes festivais. “A Bossa Nova, a Jovem Guarda, onde surgiram Roberto Carlos e Vanderléia, Caetano Veloso e Chico Buarque e todos que dominam a música brasileira atualmente. Nesta fase a TV Record chegou ao primeiro lugar”. (FURTADO, 1988, p.62).

Foi inegável a importância das TVs Rio e Excelsior, segundo autores, com relação ao início da organização de uma televisão administrada de forma empresarial e moderna. Elas romperam com as imposições dos anunciantes, que até então, eram praticamente os donos de cada programa, como o Pullman Junior, Gincana Kibon etc. Depois da chegada do vídeo-teipe, elas começaram a vender ou trocar suas produções que eram somente estaduais ou regionais.

No final da década de 60 começou o declínio das TVs Record e Rio e da REI- Rede de Emissoras Independentes da qual elas faziam parte, mesma época em que surgiu a TV Globo.

Roberto Marinho recebeu das mãos de Juscelino Kubitschek, em 1957, a concessão de uma nova emissora, constituída em 1962, entrando no ar em 1965 com o nome TV Globo. Muitos consideraram esta inauguração um golpe às emissoras que fizeram a história da televisão brasileira num primeiro período como diz João Batista do Amaral Filho, da TV Rio: “o que aconteceu foi que a Globo liquidou todas as outras televisões através de um monopólio que eu não saberia dizer como se estabeleceu” (COSTA, 1986, p.140). Vários fatores contribuíram para o sucesso da TV Globo. Ela começou suas transmissões 15 anos depois da primeira experiência da televisão no Brasil e com isto já podia perceber o que era negativo e positivo no que se tratava de programação e administração. O sucesso da Globo começou um ano depois de ser inaugurada, “a emissora deixou de ser dirigida por gente do meio artístico e jornalístico e passou a ser comanda por homens de publicidade e marketing, tendo no comando Walter Clarck, homem que pensou a televisão em termos da indústria da propaganda” (KEHL, 1986, p.174). Entretanto, “a Globo não se transformaria neste monopólio que é

atualmente se não fosse o investimento de um grupo americano e o apoio do governo militar. A Time-Life investiu seis milhões de dólares, trinta vezes o valor do capital da Globo, ferindo assim a legislação brasileira” (HERZ, 1989, p. 123).

Em 1966 o Congresso Nacional instalou uma Comissão Parlamentar de Inquérito- CPI para apurar esta transação entre a Globo e a Time-Life, e o então presidente Marechal Artur da Costa e Silva legalizou definitivamente a negociação, quando o dono da emissora, Roberto Marinho, pôde contar com todo o apoio do governo militar. Para Ortiz “os contatos da TV Globo junto à área militar eram fortes, e ela pôde se beneficiar da complacência do regime que não hesitou em favorecê-la. A Globo pôde, desta forma, estabelecer uma aliança com o Estado autoritário, possibilitando que os objetivos de integração nacional pudessem ser concretizados no domínio do sistema televisivo”. (ORTIZ, 1988, p.155).

Já em 1969 nascia a TV Cultura, comprada em 1967 dos Diários Associados, pela Fundação Padre Anchieta, numa iniciativa do governo do Estado de São Paulo, com caráter de tevê educativa e a proposta de levar à população uma programação considerada “cult”. Mesmo assim não dispensou de transmitir o programa apresentado por Jacinto Figueira Junior, conhecido como sensacionalista, e chamado “O Homem do Sapato Branco”.

Durante toda a década de 70 a TV Tupi se manteve como a segunda rede de televisão em faturamento e audiência, chegando a estar em primeiro lugar em algumas regiões. Em julho de 80, dois meses antes de completar trinta anos de vida, por má administração dos membros do condomínio, ela foi extinta.



Depois do cancelamento da concessão da Tupi, o governo abriu duas novas concessões para televisão, momento no qual nasceram a Rede Manchete e o SBT - Sistema Brasileiro de Televisão. Nesta época a Editora Abril, que também reivindicava a concessão, ficou de fora. O Governo Militar considerou que a revista Veja, editada pela Abril, já incomodava demais e uma emissora de tevê nas mãos deste mesmo grupo iria incomodar ainda mais, risco que não considerava com a Editora Bloch e Sílvio Santos.

A Manchete começou suas transmissões no início de 80, se solidificando com filmes de boa qualidade e jornalismo no horário nobre, atingindo assim as camadas A e B da população. Dez anos depois a Manchete atingiu o primeiro lugar de audiência, 45 pontos, com a novela Pantanal.

Um ano depois da Manchete entrar no ar, foi a vez do SBT. Com desenhos animados e filmes ela já garantia o segundo lugar em audiência. A televisão de Sílvio Santos, que foi funcionário da Rede Globo, começa a incomodar o ex-patrão.

A Rede Bandeirantes recomeçou com força em 1973, depois de sofrer um incêndio que destruiu toda sua instalação, retomando as transmissões na forma de rede com uma emissora em São Paulo, no Rio e outra em Belo Horizonte. De acordo com Petraglia (1988, p.73) a primeira televisão a transmitir sua programação em cores no Brasil foi a Bandeirantes.

## 1.2 O primeiro jornal nacional

O primeiro programa jornalístico na televisão brasileira foi Imagens do Dia que durou 2 anos, depois deste veio o Telenotícias Panair, que foi transmitido durante pouco tempo. Mas o de maior sucesso foi o Repórter Esso apresentado por Contijo Teodoro. Este era uma cópia da televisão norte-americana que já fazia sucesso no rádio brasileiro desde 1941 e foi ao ar pela TV Tupi do Rio de Janeiro em 1952, sendo transmitido até dezembro de 1970. Para Squirra “a Tupi não conseguiu acompanhar o ritmo do desenvolvimento e os custos da implantação dos programas de telejornalismo no Brasil” (1995, p.106).

Na década de 60 foi quando houve o verdadeiro desenvolvimento da televisão e a guerra pela audiência, as emissoras Tupi, Excelsior, Record e TV Rio dividiam os telespectadores. Para Ortiz “a televisão se concretizou como veículo de massa, em meados de 60, antes do cinema nacional, da indústria do disco, editorial e publicidade, que só se estruturaram realmente como indústria na década de 70” (1988, p.113).

A Excelsior foi responsável por uma grande inovação. Os jornalistas Barbosa Lima e Wladimir Herzog criaram o Jornal de Vanguarda mudando o comportamento dos telespectadores. Eles fizeram os brasileiros se informar através da televisão. Depois do sucesso a emissora decidiu deixar de transmitir este telejornal em 1968, com a entrada do AI-5. Barbosa Lima comentou este episódio na Revista Briefing em setembro de 80 dizendo que “não podia deixar esse campeão, cheio de troféus, morrer melancolicamente, cada vez mais apertado pela censura, como todos os outros jornais de televisão” (in COSTA, 1986. p, 165).

Como a TV Globo já tinha legalizado a transação do investimento internacional as custas do governo militar, Ortiz diz que “os contatos da Globo junto à área militar eram fortes, e ela pôde se beneficiar da complacência do regime que não hesitou em favorecê-la. A Globo pôde, desta forma, estabelecer uma aliança com o Estado autoritário, possibilitando que os objetivos da integração nacional pudessem ser concretizados no domínio do sistema televisivo” (ORTIZ op.cit. p.155).

Em 1965 foi criada a Embratel - Empresa Brasileira de Telecomunicações, dois anos depois, o Ministério das Comunicações. Tudo o que a Globo precisava para se consolidar e atingir seus planos de se tornar uma rede, como afirma Caparelli (1982): “os três objetivos da empresa de Roberto Marinho eram buscar lucros, a mobilização da opinião pública em torno do governo militar e uma forma para penetrar o capital estrangeiro no país, como já vinha acontecendo em vários países da América Latina”.

Com a chegada da Embratel, em 1968 foi criado o sistema de microondas facilitando a interligação de todo o território nacional, acabando com as dificuldades tecnológicas que viveram as emissoras de televisão na década de 50, exibindo apenas telejornais regionais. Assim o estado ajudava a televisão a cumprir o papel de consolidar a indústria cultural no Brasil. Neste contexto que facilitou a popularizar a televisão, em primeiro de setembro de 1969 entrava no ar o primeiro telejornal visto em todo o país, o Jornal Nacional.

Ingenuidade achar que o governo militar ajudaria a Globo sem algum interesse. Squirra traduz muito bem “o desenvolvimento tecnológico possibilitado pelo regime militar na área das telecomunicações tinha um preço salgado: a liberdade de informar”

(SQUIRRA, 1993, p. 108). Ivete Cardoso Roldão (1996) acrescenta dizendo que “o preço foi muito bem pago durante sucessivos governos militares e no período da Nova República, com exemplos que ficaram famosos e são citados por diversos autores, como a cobertura das graves no ABC Paulista em 1979; a forma como foi divulgado o episódio Rio-Centro em 1981; a fraude eleitoral com o objetivo de derrotar Leonel Brizola, na eleição para o governo do Rio de Janeiro em 1982; a omissão das Diretas Já em 1984; a edição do debate entre Collor e Lula em 1989 e a edição do mesmo telejornal, com a reportagem sobre o massacre de Eldorado no Pará, ocorrido em 17 de abril de 1996; a forma como foi editada e apresentada a reportagem, dá a nítida impressão ao telespectador que os sem-terra iniciaram o enfrentamento”.

### **1.3 O cotidiano do profissional em jornalismo**

“A comunicação é uma atividade humana pelas quais os homens se relacionam entre si e integrada aos processos culturais” (GIGLIO, 1995, p.51). Já Sigal (1986, p. 9-37), durante um estudo sobre quem faz a notícia, afirma que saber o modo como as notícias são produzidas é a chave para compreender o que significam e Traquina (1988, p. 38), defende que as notícias registram as formas literárias e as narrativas utilizadas pelos jornalistas para organizar os acontecimentos. Juarez Bahia diz que

“A palavra jornalismo quer dizer apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, idéias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza e rapidez [...] o jornalismo é uma arte, uma ciência, uma técnica”. (BAHIA, 1990, p.9)

Para Marques de Melo (1994, p.36) cabe ao jornalismo reproduzir o real, que não passa de algo imutável, restando aos jornalistas a tarefa de relatar os fatos. Já Marcondes Filho (1986) qualifica o jornalismo como uma produção social de segunda natureza, funcional à manutenção do capitalismo. Nilson Laje (1982) compreende o jornalismo num quadro mais amplo. Afirma que a atividade jornalística se baseia num tripé formado pelas linguagens, tecnologia e as ciências sociais. Genro (1977) entra na área epistemológica e define o jornalismo como uma forma de conhecimento diferente daquele produzido pela ciência e defende-o como forma de conhecer que se cristaliza no oposto da universalidade, a singularidade. É uma forma de conhecimento que surge, historicamente, com base no desenvolvimento das relações capitalistas e com base na indústria.

Neste capítulo procuro entender o cotidiano do jornalista, e mais específico do telejornalista, para posteriormente relacionar esta prática com a formação acadêmica recebida pelas escolas de formação profissional.

O jornalista é um dos poucos profissionais que têm de estar voltado para sua profissão 24 horas por dia. Não importa para que tipo de veículo esteja trabalhando- impresso, rádio ou tevê, ele deve estar atendo a tudo o que acontece a sua volta, em todos os lugares que estiver. Ele deve estar com todos os sentidos ligados às pessoas e situações que o cercam.

### 1.3.1 A notícia

A sensibilidade e o olhar apurado são os principais elementos para detectar uma boa notícia. “A notícia é o relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade e capaz de ser compreendido pelo público. A notícia não é um acontecimento assombroso, mas a narração desse acontecimento. A notícia é tudo o que o público deseja saber. A essência da notícia está determinada pelo interesse público” (SQUIRRA, 1995, p. 54).

Já para o autor Mário Erbolato, a notícia tem de chamar a atenção do público:

“notícia é a matéria prima do jornalismo. É todo fenômeno social de interesse da comunidade. Se um cachorro morde uma pessoa, isto pode acontecer todos os dias e não despertar a atenção do público, mas se um homem morder um cachorro, isto sim é notícia” (ERBOLATO, 1991 p.42)

Para os jornalistas, saber o que é ou não notícia é preciso ter “faro”. A prática diária na redação é a melhor forma de desenvolver este chamado “faro jornalístico”. Não importa a função que o telejornalista desempenhe numa redação, ele necessita estar bem informado, atualizado. Isto quer dizer: ler pelo menos os principais jornais do país, assistir a telejornais dos colegas concorrentes antes de chegar à redação diariamente para trabalhar.

### 1.3.2 Pauta

Se o jornalista for um pauteiro, segundo Erbolato, ele é considerado a peça mais importante no jornalismo. O pauteiro é quem propõe os assuntos que serão abordados pelo veículo. “Entre suas funções está a de ler tudo o que lhe caia às mãos, mas sempre na tentativa de encontrar a chave para uma boa matéria”. (1991, p.177). O processo de elaboração da reportagem, segundo Medina, já começa na pauta propriamente dita é neste instante que entram todos os interesses....

“antes de se abordar o trabalho de campo do repórter, isto é, a execução da entrevista, não se pode deixar de lado o processo de produção da informação jornalística. Há princípios que regem o fenômeno jornalismo e comunicação coletiva; há variáveis implícitas ao processamento da notícia; e há fontes de conteúdo que orientam a seleção de pautas. Quando se chega a executar a entrevista, já se está às voltas com toda esta rede complexa de variáveis. (MEDINA, 2002, p. 21)

O pauteiro é quem deve ter a melhor agenda de contatos da redação, o maior número de fontes, o responsável em buscar as novidades todos os dias. Antes de produzir a pauta, ele participa de inúmeras reuniões com o editor chefe de cada edição e com o chefe de reportagem durante todo o seu dia de trabalho. Para York os repórteres não saem pelas ruas com sua equipe de reportagem em busca de notícias. Este procedimento consumiria muito tempo e seria quase totalmente improdutivo. Para ele a notícia tem de ser colhida de uma forma organizada e sistemática. Todos os serviços noticiosos profissionais sabem disso e utilizam equipes de jornalistas para filtrar e discutir idéias, criando uma lista de eventos domésticos e internacionais, com respectivas datas e horários, entre os quais alguns são escolhidos para uma possível cobertura. (YORK, 1998, p. 32).

A função da pauta é trazer todas as informações: nome dos entrevistados, endereço, telefones, dicas, direcionamento etc. Ela é o roteiro necessário para orientar o trabalho do repórter. Muitas vezes a matéria quente não se resume unicamente a um acidente que aconteceu ao longo do dia e sim a sensibilidade do pauteiro de investigar com profundidade uma determinada informação e descobrir uma notícia que poderá se tornar um escândalo na comunidade. Esta função é desempenhada igualmente em todos os veículos de comunicação exceto na televisão. Além de todos os requisitos básicos que o pauteiro deve ter, ele ainda é obrigado a pensar em pauta com imagem. No jornal impresso uma fotografia, uma imagem fixa, ilustra toda a matéria, já na televisão as reportagens têm de trazer boas imagens. A imagem parada, a fotografia, revela emoção. A imagem viva, em movimento, carrega uma dose muito maior de emoção. (PATERNOSTRO, 1999, p. 61). A emoção nas imagens da tevê é sempre objeto de crítica de alguns autores, mas vale ressaltar o depoimento de Lima (1985) quando comenta o incêndio do edifício Joelma em São Paulo. As televisões mostraram pessoas se jogando pela janela do prédio em chamas e caindo nas calçadas. Por serem estas cenas chocantes, as leis de prevenção ao fogo foram alteradas e muitas vidas foram salvas depois disto.

### **1.3.3 Reportagem**

O telejornalista também pode trabalhar na função de repórter. É ele que vai cumprir, ou executar, todas as orientações contidas na pauta. Coletar informações através das fontes especializadas para dar sustentação às pautas. É o repórter que



traz a notícia para dentro da emissora. Squirra afirma que é necessário o repórter de televisão saber abordar corretamente o assunto pautado e tenha intuição para selecionar o que é realmente importante para a reportagem e saiba decidir, eliminando o dispensável da matéria”(SQUIRRA, 1995, p.83).

Esta é a função que vai representar o telespectador no momento em que a notícia estiver acontecendo. O repórter deve elaborar as melhores perguntas e viver um teste de inteligência a cada entrevista

“de um lado o entrevistado, disposto a declarar apenas aquilo que interessa a si, à empresa ou entidade pública a que pertence, e, do outro lado, o repórter, tentando obter o máximo de informações significativas para sua audiência” (SQUIRRA, op.cit., p. 86).

O trabalho do repórter também é visto com bons olhos por alguns autores que não esquecem do significado desta luta diária. O resultado de uma reportagem pode contribuir como registro do presente no futuro. É o que apontam alguns pesquisadores na área da educação em Uberlândia, Minas Gerais, quando através de reportagens conseguiram resgatar algumas propostas educacionais divulgadas por educadores locais. (CARVALHO, ARAÚJO E NETO, 2002, p.72)

Já Caco Barcelos (apud, SQUIRRA, 1995, p. 76), repórter da Rede Globo, afirma que a prática da reportagem é diferente entre a imprensa escrita e a da televisão. Na televisão o importante é o repórter chegar com a coisa acontecendo. Em jornal ou revista você poderá reconstituir o fato.

Mesmo ele estando bem preparado tecnicamente, ainda corre o risco de cometer alguns deslizos durante seu trabalho, como afirma Hermano Henning, correspondente internacional da Rede Globo durante uma transmissão ao vivo de uma luta de boxe em Las Vegas, nos Estados Unidos. Henning se empolgou com o que estava acontecendo, não compreendeu o sinal dado pelo assistente da equipe e se estendeu na narração ocupando todo seu tempo e inclusive de outro colega que faria um comentário na seqüência de sua apresentação...

“Orlando Duarte, o comentarista eclético, não me perdoa até hoje. Usei todo o tempo dele no final da transmissão da histórica disputa do título mundial dos pesos pesados: enrolando” (HENNING, 1996, p. 55).

Enrolar é o que o repórter jamais poderá fazer durante seu trabalho. O ritmo da televisão é intenso, diferente do jornal impresso que só vai divulgar a informação no dia seguinte. O objetivo do jornalismo televisivo é dar a notícia primeiro, por isso o repórter não pode perder tempo. Da agilidade dele, depende o furo de reportagem. Quem chegar primeiro ao local dos fatos, apurar as informações, preparar as entrevistas, gravar a reportagem e mandar para a redação, informa primeiro seus telespectadores. Se não for assim a emissora de televisão não dá o furo, leva.

Mas esta pressa pode comprometer todo o trabalho se o repórter não souber levar a notícia até o telespectador. O repórter e o cinegrafista - ou repórter cinematográfico - têm a missão de preencher a “telinha” com arte. Em vez de tevê relatar o fato, ela deve mostrar em toda sua dimensão. Ela pode, assim, atingir quantidade muito maior de sentidos humanos, já que se utiliza do movimento, da cor,

do som e de toda a dramaticidade do acontecimento quase ao mesmo tempo em que ele aconteceu (SQUIRRA, 1995, p. 51).

Através da sensibilidade do repórter e da forma como ele vê a notícia é que vão atrair e manter a atenção do telespectador para sua informação. A tela da tevê é como uma tela em branco. O repórter tem de ser um Van Gogh diariamente. O artista tem somente aquele espaço e as tintas para expor sua arte. O telejornalista também. Ele tem de compor naqueles poucos centímetros quadrados todas as informações pertinentes àquela notícia. Não pode haver poluição visual e todos os detalhes têm de ter conexão com os fatos. A história deve ser contada com muita técnica, o texto não pode ter palavras com as mesmas terminações, evitando as rimas, porque o efeito sonoro compromete o texto, assim como a cacofonia e palavras com duplo sentido:

“em telejornalismo o texto é escrito para ser falado e ouvido. Pela própria característica dos veículos eletrônicos de comunicação, o receptor deve “pegar a informação de uma só vez”. Se isto não acontece, o objetivo de quem está escrevendo fracassa”. (PATERNOSTRO, 1999, p.66).

O repórter deve usar, ainda, sempre parágrafos curtos. Esta técnica facilita na hora de gravar. As frases menores colaboram na hora da interpretação.

“a pontuação dá o embalo ao texto. Uma pontuação bem colocada vai indicar as pausas e o tom em que esse texto deve ser lido. Vírgula, dois pontos, reticências, ponto final: os sinais ortográficos mais usados em scripts de telejornalismo. Uma dose certa deles permite intervalos, pausas, entonação de voz que vão ajudar na compreensão do texto e também ajudam na respiração do locutor...É que se o texto não estiver pontuado corretamente, o apresentador pode parar, sem fôlego, no meio de uma frase e até alterar o sentido da informação”. (PATERNOSTRO, 1999, p.69).

Os autores que escrevem sobre técnicas para televisão concordam em alguns pontos, um deles é que apesar da evolução de noticiários especializados, a maior parte do jornalismo de televisão dirige-se ao público em geral. No Brasil a televisão ocupa um papel fundamental na formação da identidade nacional. A TV desempenha um papel de vanguarda enquanto agente unificador da sociedade brasileira. (MATTELART, 1989, p. 36). E neste contexto o jornalismo tem um papel de destaque. Diariamente meia hora do horário nobre da televisão, milhões de pessoas sentam em frente da televisão para assistir aos fatos mais importantes do dia, de uma forma condensada (PEREIRA, 2000, p. 39-40).

Ao contrário dos jornais escritos, que podem limitar a leitura a grupos sóciopolíticos bem definidos, a televisão visa a todos e deve ser entendida por todos. Portanto, não pode ser nem muito intelectual, nem insultar a inteligência. O objetivo principal é contar as histórias numa linguagem que seja precisa, clara, simples, direta e neutra. (YORK, 1998, p. 61).

Se o texto não vier carregado com esta técnica, o telespectador não tem a chance de voltar atrás e ouvir novamente o que foi dito. Este cuidado é uma ferramenta básica do bom repórter. Por outro lado, outro fator indispensável no cotidiano do telejornalista é ter conhecimento do pensamento da empresa para a qual trabalha. Isto deve ser sobre quase todos os assuntos, principalmente os de relevância e os que envolvem a classe política e econômica em nível regional e nacional (SQUIRRA, 1995, p. 88).

### 1.3.4 Edição

O trabalho do repórter é produzir matérias e entrevistas para o telejornal. O do editor de texto em televisão é o de dar seqüência lógica à matéria produzida e que vai ser divulgada pela emissora. O editor é o responsável pela adequação e equilíbrio das informações contidas em cada reportagem.

É o editor de texto que finaliza a reportagem. Dentro de um espaço físico bem pequeno chamado ilha de edição, ele vai aprovar todo o trabalho do repórter. Distante da movimentação do público e dos entrevistados envolvidos no assunto, ele avalia se a ordem cronológica da história contada é a melhor. Se o ritmo e o tempo da reportagem estão adequados. Sobre isto Squirra diz:

“o tempo da notícia no telejornalismo depende sempre da importância jornalística do assunto. Mas também da qualidade das imagens. A qualidade das imagens tem forte peso na televisão. Se a imagem é boa, seguramente vai ser aproveitada. O 8º mandamento do professor Frank Reed aconselha: “se é importante mas a imagem é pobre, conte e não mostre. Se for trivial, mas a imagem é boa, mostre”. Na televisão, se as imagens forem boas, podem acabar valorizando algum fato não importante”. (SQUIRRA, 1995, p. 97).

O editor ainda deve se preocupar se os envolvidos na reportagem e seus depoimentos são suficientes para amarrar toda a notícia ou se o repórter deixou alguém de fora e deve ser acrescentado. Ele tem de observar atentamente a carga emotiva e informativa em cada matéria preparada para a veiculação. Uma notícia com exagerada carga de emoção - visual ou auditiva pode desequilibrar o telejornal ou provocar reações incontroláveis dos telespectadores.

Neste caso Armando Nogueira, o ex-diretor de jornalismo da TV Globo aconselha, com uma pitada de bom humor, que se o editor não refletir antes todos estes itens indicados, os telespectadores vão fazer com que ele reflita depois em consequência de uma enxurrada de telefonemas de indignação e protesto (in SQUIRRA, 1995, p.94).

É na ilha de edição onde o exercício do texto casado com a imagem mais acontece. O editor deve ter muita experiência no telejornalismo e uma clara compreensão das especificidades do meio eletrônico. O editor deve dominar os recursos do texto eletrônico e ainda as formas de apoio visual disponíveis no telejornalismo, como por exemplo, quando e como utilizar mapas, gráficos e ilustrações.

O editor não pode esquecer que o público liga a televisão para assistir ao jornal e quer tomar conhecimento das notícias através das imagens dos acontecimentos e deve ter compatibilidade entre o áudio e vídeo como explica Paternostro:

“Em telejornalismo, a preocupação é fazer com que o texto e a imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde sua função. O papel da palavra é dar apoio à imagem e não brigar com ela”. (PATERNOSTRO, 1999, p. 72).

Alguns autores acrescentam que o ser humano passou a se ligar mais ao sentido da visão e cada vez mais a comunicação com o outro passa necessariamente pelo sentido do olhar e pela imagem. E que a engrenagem social se articula e se organiza por meios de símbolos e códigos apresentados em cores e formas.

“Várias indústrias (cinema, discos e publicidades) dependem da TV para uma parte de suas receitas. As dimensões da audiência televisiva a convertem na indústria rainha, além de estabelecer a notoriedade das outras atividades culturais e de muitos produtos comerciais”. (ZALLO, 1993, p.79).

Com isto o editor tem de ter mais atenção ao seu trabalho e imaginar que o telespectador está diante da tevê, em casa, mas a atenção não está inteiramente voltada para o telejornal. A rotina da casa permanece e aí acontece a briga para manter o telespectador sentado diante da tv. Se o editor não compreender o que um entrevistado disse ao repórter, esta fala deverá ser retirada do contexto da reportagem porque a pessoa que está assistindo, em meio ao burburinho doméstico, não entenderá o depoimento e diante disto perde o interesse pelo conteúdo do noticiário se distraíndo ou ainda mudando de canal. York dá uma dica acrescentando que

“o público, mesmo nas sociedades mais sofisticadas, não costuma entender muito bem os programas de televisão. As interrupções são freqüentes e as pessoas facilmente se distraem. Se elas interpretam mal e confundem até as histórias mais simples, imagine os temas mais abstratos de um mundo moderno altamente complexo. Ajude-as. Faça as reportagens para o público e não para o seu chefe ou para críticos”. (YORK, 1998, p. 58).

### 1.3.5 Apresentador

Uma das funções mais desejadas no telejornalismo é a do apresentador. Existe um fascínio em ocupar tal cadeira: é sinônimo de sucesso e alto salário. Um cargo que não é tão fácil conquistar como diz York,

“quando os executivos de comunicação procuram uma pessoa capaz de atender a dupla exigência de jornalista apresentador, primeiro eles se voltam para os repórter mais experientes, alguns dos quais já cansados de trabalhar na rua há tantos anos e preparados para trocar sua condição de viajantes pela segurança do estúdio e a elevação ao status de estrela. Portanto, jornalistas/apresentadores são contratados não só pela aparência ou a voz, mas também pela experiência”. (YORK, 1998, p. 134).



## 2. VÁRIOS JORNALISMOS NUM SÓ MUNDO

Para o teórico português Jorge Pedro Sousa, é difícil fazer um único tipo de jornalismo porque existem diferentes pessoas que desejam receber diferentes tipos de informação. Ele acrescenta dizendo que há no mundo vários conceitos de jornalismo com naturezas social, ideológica e cultural. Conceitos que podem ser considerados como uma espécie de teorias da imprensa separando o jornalismo, os jornalistas e os discursos jornalísticos. Sousa indica que cada país ou grupo de países tem suas escolas de jornalismo.

“o jornalismo britânico é conhecido pelo rigor e pela sobriedade, o jornalismo italiano é conhecido pela paixão na defesa de pontos de vista, o francês pelo envolvimento interpretativo” (SOUSA, 2002, p, 29).

Sousa apresenta cinco modelos de jornalismo: o primeiro na história é o modelo autoritário onde a atividade jornalística está sujeita ao controle direto do estado através do governo ou de outras instâncias. Neste caso o jornalismo não pode ser utilizado para promover mudanças ou criticar o governo e governantes. O jornalismo aparece subordinado aos interesses de uma classe dominante que governa o país, funcionando de cima para baixo. Na Indonésia e Tailândia, ou ainda no Brasil na época do regime militar, países que impuseram o modelo autoritário de jornalismo “assiste-se uma monopolização da verdade pelo poder estatal. As diferenças de pontos de vista são

tidas como desnecessárias, quando não irresponsáveis e até subversivas”. (SOUSA, 2002, p. 34)

O segundo modelo traz como exemplos o jornal Pravda, anterior à revolução bolchevique, e a imprensa partisans na antiga Iugoslávia ocupada pelos nazistas na segunda guerra mundial que mostram um jornalismo revolucionário que pretendiam derrubar um sistema político através de publicações clandestinas.

Já no modelo comunista de jornalismo Sousa sugere que:

“nos países sujeitos a uma concepção comunista do jornalismo, como a China ou o Vietnã, o estado domina a imprensa e, normalmente, é igualmente o proprietário monopolista dos meios de comunicação. A procura pela verdade, um valor caro no ocidente, torna-se irrelevante se não contribuir para a construção do comunismo. A imprensa orienta-se por dois princípios: há coisas que não se podem publicar e há coisas que se têm de publicar” (idem, p. 31).

Há países que implementaram um modelo de jornalismo para o desenvolvimento, que segundo Sousa entende-se que todos os órgãos de comunicação social devem ser usados para a construção da identidade nacional para desenvolver o país.

“entende-se que os jornalistas devem apoiar as autoridades do país, pelo que a liberdade de imprensa é restringida de acordo com as necessidades de desenvolvimento da sociedade, a informação é tida como sendo propriedade do estado e os direitos à liberdade de expressão são tidos como irrelevantes, face aos enormes problemas de pobreza, doença, subdesenvolvimento, analfabetismo, comuns aos países multi-étnicos” (idem, p. 32)

O modelo ocidental de jornalismo preconiza que os meios de comunicação devem ser independentes do estado e dos poderes, com plenos direitos de reportar,

criticar, interpretar e comentar as atividades dos agentes de poder ou instituições sem repressão ou ameaça e os jornalistas seriam apenas limitados pela lei e pela ética.

Para Sousa:

“o jornalismo funcionaria como uma arena pública. Teoricamente, o campo jornalístico funcionaria como um mercado livre de idéias subjacentes à implementação do jornalismo do modelo ocidental estão as idéias de que o pluralismo e a democracia são benéficas para o indivíduo e para a sociedade em geral e de que só uma população informada pode, em consciência, participar nos processos de tomada de decisão, principalmente através do voto”. (idem, p. 33).

Sousa finaliza fazendo um alerta sobre as idéias de uma imprensa livre e do livre acesso à imprensa dizendo que elas foram exportadas para todo o mundo através do ocidente e este fluxo livre de informação pode trazer alguns aspectos negativos já que é feita predominantemente, dos países ricos para os países pobres.

## **2.1 Padrões de manipulação**

A televisão brasileira é uma das mais competentes. As campanhas publicitárias são conhecidas no mundo todo e são premiadas pela ousadia, linguagem, grande qualidade estética e pela capacidade de sedução. A Rede Globo está entre as cinco maiores redes de televisão no mundo, com transmissão em canal aberto. Como diz Arbex, os programas de entretenimento, novelas e jornalismo têm uma excelente qualidade técnica e são artigos de exportação, e a mídia impressa também não fica

nada a dever a qualquer outro grande jornal mundialmente famoso, ele acrescenta “azar o nosso” (in ABRAMO, 2003, p. 8).

A mídia é constituída hoje de uma forte coluna de sustentação do poder, imprescindível como fonte legitimadora das medidas políticas anunciadas pelos governos e pelas estratégias de mercado adotadas pelas grandes corporações e capital financeiro. Adorno e Horkheimer (1990) dizem que cada um dos produtos da indústria cultural é um modelo do gigantesco mecanismo econômico e que desde o começo mantém tudo sobre pressão. Com relação ao comportamento das pessoas, eles observam que quanto mais sólidas se tornam às posições da indústria cultural, mais forte agem sobre as necessidades dos consumidores. Tuchman (1983, p.203) afirma que a televisão, ou a notícia é um registro da realidade social e ao mesmo tempo um produto dela. E Adorno diz ainda que a indústria cultural traz nela todos os elementos característicos do mundo moderno e que nele exerce um papel específico: o de portadora da ideologia dominante que dá sentido a todo o sistema. (ADORNO, 1971, p. 287)

A televisão constrói consensos, produz realidades parciais apresentadas como a totalidade do mundo, distorce fatos, mistifica, educa percepções e se proclama como porta-voz e espelho de todos os interesses da sociedade, mas defende os interesses específicos dos seus proprietários.

Hamilton Souza indica que o sociólogo e jornalista, Perseu Abramo, traçou um longo estudo sobre a manipulação da imprensa nacional onde desmascara a “auto-proclamada” objetividade da imprensa comercial-burguesa e também a falsa

objetividade e indica ainda que o jornalismo é um instrumento de controle político e contrário aos interesses maiores dos brasileiros. Ele acrescenta que muitos professores de jornalismo e jornalistas não sabem que o jornalismo deve ser entendido e analisado como uma categoria política, como um instrumento de propagação ideológica de grupos, setores e classes sociais e acrescenta:

“a manipulação não reflete a realidade da sociedade brasileira, está estruturada no modo de produção do jornalismo e é exercida por profissionais egressos das universidades, muitos dos quais com perfeito domínio das técnicas de comunicação e dos macetes adotados pelos jornalistas tanto para ocultar, fragmentar ou inverter os fatos” ( in ABRAMO, 2003, p. 19).

A imprensa oculta totalmente ou parcialmente os aspectos da realidade, fragmentando as notícias nas edições de jornais e telejornais invertendo a relevância das informações e descontextualizando os acontecimentos e ainda distorcendo a realidade. A imprensa tem o poder de se referir à realidade mostrando uma outra realidade artificial, não real, que foi criada e desenvolvida pela própria imprensa apresentando no lugar da realidade real. Abramo diz que é como se fosse a realidade sendo apresentada naqueles espelhos que deformam o objeto que ele aparentemente reflete:

“a imagem do espelho tem algo a ver com o objeto, mas não só não é o objeto como também não é a sua imagem; é a imagem de outro objeto que não corresponde ao objeto real”. (ABRAMO, 2003, p. 24)

Para Fort (2000), a mídia oferece as premissas e o público conclui; outras vezes a imprensa conclui para o público que recebe a informação e nem mesmo tem tempo de refletir sobre ela e acaba aceitando-a, pois parece ser absolutamente verdadeira.

Neste jogo de realidade real e irreal, criado pela imprensa, o telespectador individual fragmentado não consegue perceber esta contradição ele só participa da realidade que ele conhece e é protagonista. O resto da realidade artificial ele capta sem perceber e aprende por conhecimento. Portanto a maior parte dos indivíduos move-se por um mundo que não existe e que foi criado artificialmente para que ele se mova justamente neste mundo irreal. Então a manipulação das informações se transforma em manipulação da realidade. (ABRAMO, 2003, p. 24).

Adorno também compreende a televisão como ideologia e afirma que a influência é tão grande quanto a tentativa de inculcar nas pessoas uma falsa consciência e um ocultamento do que é real. Impõe às pessoas um conjunto de valores como se fossem dogmas positivos. (ADORNO, 1995, p.80).

Esta manipulação da realidade que a imprensa faz acontece de múltiplas formas, o importante é saber: nem toda notícia é manipulada nem toda imprensa manipula sempre. A primeira forma, de acordo com Abramo, é a de ocultação. Um padrão referente à ausência e à presença dos fatos reais na produção feita pela imprensa. Não é o desconhecimento do fato nem omissão do que é real. É o contrário disto. Um silêncio deliberado sobre alguns fatos da realidade. Isto acontece nos momentos que antecedem a busca pela informação, nos momentos de decisões durante o planejamento diretamente ligado à pauta. Esta ocultação está ligada, quase

sempre, ao que é chamado de fato jornalístico. Um sistema criado entre padrões e empregados para decidir o que é ou não notícia. O que vale e o que não vale cobrir. Esta concepção acaba por funcionar, na prática, como uma racionalização do padrão de ocultação na manipulação do real e as características jornalísticas não residem no objeto da observação e sim no sujeito observador e na relação que este estabelece com aquele. O Mundo real não se divide em fatos jornalísticos e não jornalísticos. “o jornalístico não é uma característica intrínseca do real em si, mas da relação que o jornalista, ou melhor, o órgão do jornalismo, a imprensa, decide estabelecer com a realidade (ABRAMO, 2003, p. 26).

O que é ou não notícia depende mais das características do órgão de imprensa, da sua visão do mundo, da linha editorial do que a própria informação. Na decisão de um fato não ser jornalístico, o telespectador não tem a menor chance de tomar conhecimento de sua existência através da imprensa, assim o fato real ausente deixa de ser real e se transforma em imaginário. Assim dá lugar ao fato existente na produção da imprensa, que cria um fato real e compõe assim uma realidade diferente da real, uma realidade artificial criada pelos jornalistas.

Um outro exemplo de ocultação de informação é muito bem lembrado por Eugênio Bucci sobre o que acontecia durante a época da ditadura no Brasil. Bucci diz que a televisão é utilizada para registrar a história de um país, de uma civilização e se a história é aquilo que passou na televisão, Bucci afirma que a tevê jamais noticiou durante a ditadura todos os crimes praticados pelos militares e como é que agora esses crimes são utilizados para fazer uma retrospectiva de nossa história? “a

veemência antiditatorial do presente renega, sem explicar, a omissão jornalística do passado”. (BUCCI, 1997, p. 46).

Outro padrão apresentado por Abramo é o padrão de fragmentação que elimina os fatos definidos anteriormente como não jornalísticos e o que sobra, o resto da realidade, é mostrado pela imprensa não como uma realidade, com as estruturas e interconexões, dinâmicas e movimentos, suas causas, condições e conseqüências. Ele afirma que o todo real é estilhaçado, fragmentado em milhões de pequenas partículas e, na maior parte, desconectados entre si, despojado com os vínculos do geral e de seus antecedentes ou ainda reconectados de forma arbitrária sem relação com os vínculos reais, mas sim conectados a outros vínculos ficcionais e artificialmente inventados.

A fragmentação da realidade em aspectos particularizados com a manutenção de uns e eliminação de outros e a descontextualização dos que ficam são fundamentais à distorção da realidade e à criação artificial de uma outra realidade. Mais uma vez surgem critérios utilizados para a seleção da notícia e que não residem na natureza do fato decomposto, mas sim nas decisões, no objetivo do órgão de imprensa que são transmitidos e adotados pelos jornalistas que ali trabalham.

Existe ainda o padrão de inversão que age no reordenamento das partes e na troca de lugares, de importâncias destas partes e na substituição de umas por outras, prosseguindo assim na destruição completa da realidade original. Isto se dá na coleta, no planejamento e na transcrição de informações. Em algumas reportagens percebe-se a inversão dos aspectos onde o fato secundário é apresentado como relevante;



algumas vezes o acessório é tido como o mais importante e decisivo. Já na inversão da forma pelo conteúdo, o texto passa a ser mais importante do que o fato que ele produz. Algumas vezes as palavras ou frases feitas no lugar de informação é ainda o ficcional espetaculoso sobre a realidade. Já na inversão da versão sobre o fato, o fato deixa de ser importante, mas a versão que determinado órgão de imprensa tem pelo fato, é mais relevante. Este órgão de imprensa praticamente renuncia a observar e expor os fatos mais triviais do mundo e prefere, em lugar desta operação, apresentar declarações próprias ou alheias sobre tais fatos.

Em muitas situações determinadas emissoras preferem engendrar versões e explicações opiniáticas cada vez mais nebulosas e complicadas a render-se às evidências dos fatos. Para alguns jornalistas tudo se passa como se a imprensa agisse sob o domínio de um princípio que tivesse uma conotação parecida ao “se o fato não corresponde à minha versão, deve haver algo errado com o fato” (ABRAMO, 2003, p.29).

Na inversão da opinião pela informação, o órgão de imprensa faz passar a opinião pela informação como se fosse um juízo de valores e usado como juízo da realidade. O telespectador não tem mais diante de si o fato tal como existe ou aconteceu, mas sim a valorização que a imprensa quer que ele tenha de uma coisa que ele desconhece, porque o seu conhecimento foi negado e oculto pela imprensa. Esta inversão é feita através da negação total, ou quase, da distinção entre o juízo de valor e o da realidade. De um lado a notícia, a entrevista, a cobertura jornalística, de outro o artigo, o editorial trazendo as formas de compreender o real dentro de uma

mesma programação e se completavam entre si e ofereciam aos telespectadores alternativas para eles formarem suas opiniões de forma independente.

Hoje o fato é apresentado exatamente ao contrário ao telespectador. O fato é escolhido dentro da realidade, fragmentado no seu interior, reordenado invertidamente quanto sua relevância, seu papel e significado e ainda mais, tem sua realidade substituída por versões opiniáticas dessa mesma realidade. Assim não é dada ao telespectador qualquer chance que não seja a de consumir e adotar como norma de ação e opinião aos fatos que lhe são arbitrariamente impostos sem dar os meios de distinção ou verificar a distinção entre informação e opinião. Neste caso, a informação quando existe, serve apenas para ilustrar a opinião já formada e definida, esta sim se deseja impor à sociedade. Algumas vezes esta inversão é tão intensa e chega a se tornar realidade para o próprio órgão de imprensa que assume como verdade sem perceber que ela não corresponde à realidade.

A manipulação por indução é outro fator característico da grande imprensa, a combinação dos casos, os momentos, das formas e graus de distorção da realidade coloca a sociedade na condição de excluída da possibilidade de ver e entender a realidade real e obrigada consumir outra realidade artificialmente inventada. Ela se manifesta através do reordenamento dos fragmentos da realidade, pelo subtexto: aquilo que é dito sem ser falado através dos sons e imagens, dos comentários, das manchetes e notícias ou ainda pela presença ou até mesmo ausência de temas do real. Alguns temas são tratados pela imprensa quase todos os dias, enquanto outros raramente, ou nunca, são abordados. Às vezes determinados personagens jamais aparecem nos telejornais enquanto outros surgem abusivamente e com irritante

freqüência. Alguns aspectos são lembrados sistematicamente na composição das reportagens diárias e outros são excluídos, evitados.

O telespectador é conduzido a ver o mundo não como é realmente, mas sim como querem que seja visto. A indução para enxergar o irreal é o resultado da manipulação dos meios de comunicação chamados grande imprensa, ou seja, os maiores veículos de comunicação, os mais poderosos, que têm maior audiência e ocupam um espaço maior entre a sociedade.

Vale lembrar que estas manipulações não acontecem sempre em todas as reportagens e em todos os órgãos de imprensa. É possível encontrar diariamente reportagens onde estes processos não existam ou existem em grau mínimo ou ainda surgem em momentos de erros involuntários ou limitações de compreensão de alguns jornalistas sobre a capacidade de transmitir informações sobre a realidade. Mas outros jornalistas têm por objetivo fazer um sensacionalismo consciente e propositado dentro das reportagens, como é o caso da ex-repórter da TV Globo, Fernanda Esteves que justifica dizendo:

“os puristas que me desculpem, mas fazer um teatrinho de vez em quando é fundamental. Não se pode esquecer que televisão é imagem, é som, é atração” (ESTEVES, 1993, p.193).

O uso desta dramatização não é novo é um recurso antigo utilizado desde o início do século passado, a imprensa se apossou de características romanescas abusando da sentimentalidade, aventura e ainda com histórias policiais tornando a

notícia “uma vedete de tudo que pode ser comovente, sensacional e ainda excepcional” (MORIN,1967, p.104).

Já para Joelmir Betting (apud VIEIRA, 1991, p.124), “a responsabilidade do telejornalista é muito grande, por fatores históricos e culturais levaram a televisão no Brasil a assumir uma condição muito importante ou até mesmo, em alguns casos, a única via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população”, ele diz que o telejornalismo brasileiro tem uma responsabilidade social e política maior que em qualquer país, exatamente porque o Brasil coloca toda sua população diante da televisão. “o brasileiro iletrado ou o acomodado não lê jornal, o que resta é a televisão”

Os jornalistas ou professores de jornalismo têm consciência do que é fazer telejornalismo e os telespectadores vão decidir ver o telejornal ou ver no telejornal a mistura do real com o irreal e finalmente, como diz o jornalista, sociólogo e professor Perseu Abramo, “o jornalismo poderá se libertar do seu pior inimigo: a imprensa tal como ela existe hoje” (ABRAMO, 2003, p.51).

### **3. TELEJORNALISMO – OBJETIVOS DOS PLANOS DE ENSINO**

Este capítulo apresenta uma pesquisa sobre o que se pretende ensinar sobre telejornalismo no curso de Jornalismo. Para desenvolver este estudo, foi necessário buscar referencial bibliográfico nas áreas de jornalismo, televisão e ensino da comunicação. O resultado desta pesquisa deverá ser não um ponto de chegada, mas sim a partida para uma reflexão sobre não só a formação dos telejornalistas, mas do profissional em jornalismo. Como sugere Morin (2000): “uma cabeça bem-feita é uma cabeça apta a organizar os conhecimentos e, com isso, evitar sua acumulação estéril”.

#### **3.1 Objetivos**

Esta pesquisa é de caráter exploratório e tem como objetivos:

realizar um levantamento dos cursos de jornalismo no Brasil e em específico no Estado de São Paulo, a fim de conhecer quantos são, onde estão e quantas vagas autorizadas pelo MEC;

analisar os objetivos expressos nos planos de ensino da disciplina de telejornalismo dos cursos de jornalismo.

### 3.2 Procedimento

Para o levantamento das escolas de nível superior que formam jornalistas, reconhecidas pelo Mec, foi realizada via internet, uma pesquisa de levantamento identificando os nomes das escolas e localização, em seguida, as informações foram organizadas em tabelas e gráficos, para facilitar a identificação e possível contato. Separados os endereços das escolas no Estado de São Paulo, foi enviada, no primeiro semestre de 2005, uma carta (anexo A) solicitando o Plano de Ensino para cada um dos 86 cursos, sobre a disciplina de telejornalismo (todos os módulos). Responderam com o envio dos planos, 28 cursos, considerando que a UNIP tem 15 cursos e utiliza o mesmo plano de ensino, então foram contabilizados para análise 14 planos. Estes planos foram analisados seguindo o modelo de análise de conteúdo de Bardin (1977), portanto primeiro foram lidos na integra todos, depois foram separados os objetivos dos planos, uma terceira leitura identificando definições que se repetiam e finalmente agrupando os objetivos de acordo com a ênfase na técnica ou na reflexão.

### 3.3 Resultados

No Brasil existem 264 escolas de formação em jornalismo, que oferecem 306 cursos. Estas informações estão disponíveis no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP<sup>1</sup>. Neste site estão disponibilizados os nomes das instituições, cursos, início de funcionamento, turnos de ofertas e número de vagas autorizadas pelo MEC- Ministério da Educação e Cultura.(anexo B).

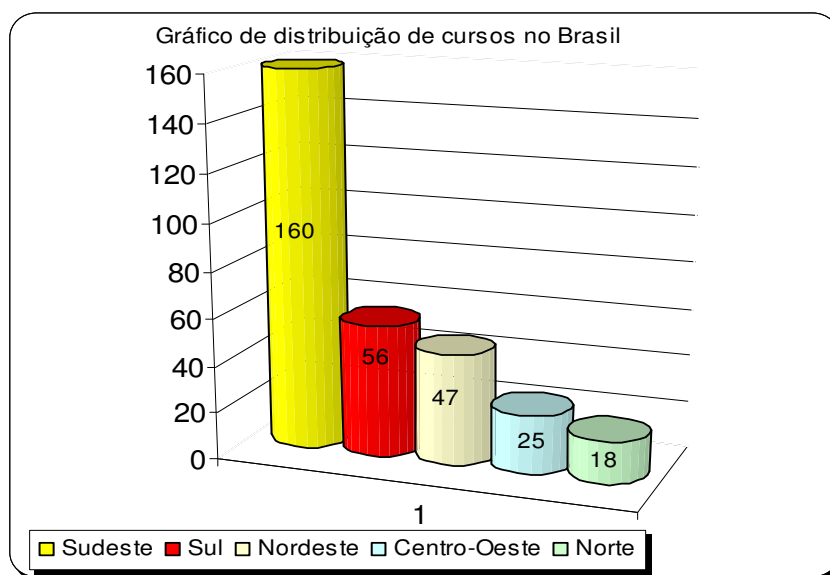
---

<sup>1</sup> <http://www.inep.gov.br> Inst. Nac. de Estudos e Pesquisas Educacionais- INEP. Acesso em 15-09-05

Para verificar quantos cursos são, quais instituições e onde estão e o número de vagas por período, foram reunidos os dados e elaborados um gráfico e duas tabelas reunindo as informações necessárias para facilitar a visualização do universo dos cursos de jornalismo no Brasil, mais especificamente no Estado de São Paulo, foco desta pesquisa.

Na região Norte existem 18 cursos, no Nordeste 47, já no Centro Oeste 25. A região Sul apresenta 56 cursos e no Sudeste a maior concentração, 160 cursos cadastrados no INEP.(Gráfico 1)

Gráfico 1: Distribuição dos cursos de Jornalismo por região do Brasil



Fonte: INEP- 2005

O INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais disponibiliza em seu site dados sobre as escolas de formação, cursos e também números sobre o extinto Exame Nacional de Cursos, o Provão. Este ano (2005), os dados indicam que

só no Estado de São Paulo são 86 cursos de jornalismo oferecidos por 68 escolas de formação, já os números divulgados no último ENC -Exame Nacional de Cursos<sup>2</sup>, em 2003, mostram que no provão de jornalismo existiam, no Estado de São Paulo, 56 cursos. Comparando as informações, pode-se observar que em dois anos surgiram 12 novos cursos de jornalismo em São Paulo.

No ano de 2003, 2.760 graduandos participaram do Provão. Vale acrescentar que as escolas enviaram para o MEC o nome dos graduandos, o que não significa, necessariamente, que todos fizeram o exame. Os alunos que não participaram do exame, por boicote ou outros motivos, não foram contabilizados. Em 2005, ainda segundo INEP, as 68 instituições de ensino superior que oferecem cursos de jornalismo em São Paulo disponibilizam 11.080 vagas para novos jornalistas, sem contar com as oito instituições que não informaram o INEP sobre o número de vagas, portanto não estão contabilizadas na tabela 1.

Na tabela 1 foram reunidas as instituições e as cidades onde estão, as categorias (particular, municipal ou estadual), quais os períodos e a quantidade de vagas disponibilizadas.

Dez das 37 cidades têm mais de um curso de jornalismo como mostra a tabela, e dos 86 cursos oferecidos em São Paulo, segundo o INEP, 33 estão instalados na capital e 53 distribuídos pelo interior do Estado. Vale destacar que dos 86 cursos a Unip tem 15 deles, sendo 9 na capital paulista e 6 no interior distribuídos nas cidades de Araraquara, Bauru, Campinas, Jundiaí e 2 cursos em Santos.

---

<sup>2</sup> [http://download.inep.gov.br/ENC\\_PROVAO/jornalismo\\_v19.pdf](http://download.inep.gov.br/ENC_PROVAO/jornalismo_v19.pdf) Acesso em 04-10-05.



Tabela 1: Distribuição dos cursos de jornalismo no Estado de São Paulo.

CIDADE	CATEG.	INSTITUIÇÃO	PERÍODO	VAGAS
1 SÃO PAULO	Privada	UNIP	D\N	400
	Privada	UNICSUL	D\N	00
	Privada	FEBASP	D\N	00
	Privada	UNISA	N	100
	Privada	UNINOVE	N	280
	Privada	UCSP	D\N	140
	Privada	UAM	D\N	260
	Privada	FIC	D\N	100
	Privada	FAL	N	50
	Privada	USM	D\N	160
	Estadual	USP	N	25
	Privada	FRB	D\N	40
	Privada	UNIBAN	N	00
	Privada	FISP	D\N	120
	Privada	MACKENZIE	D	125
	Privada	USJT	D\N	270
	Privada	FARSP	N	100
	Privada	FIAM-FAAM	D\N	285
	Privada	UNISANT'ANA	D\N	210
	Privada	FCL	D\N	200
	Privada	PUC SP	D\N	100
	Privada	FAPCOM	D\N	100
	Privada	UNICSUL	N	00
	Privada	UNIP	N	100
	Privada	UNIP	N	400
	Privada	UNIP	N	100
	Privada	UNIP	N	200
	Privada	UNIP	N	200
	Privada	UNIP	D\N	800
	Privada	UNIP	N	100
	Privada	UNIP	N	200
	Privada	UNINOVE	N	130
Privada	UAM	D\N	100	
2 ATIBAIA	Privada	FAAT	D\N	160
3 ARARAS	Privada	UNAR	N	100
4 SAO JOSE DO RIO PRETO	Privada	UNILAGO	N	80
	Privada	UNIRP	D\N	200
	Privada	UNORP	N	80
5 BAURU	Privada	USC	N	50
	Estadual	UNESP	D\N	90

CIDADE	CATEG.	INSTITUIÇÃO	PERÍODO	VAGAS
	Privada	UNIP	N	200
6 LEME	Privada	UNIFIAN	N	80
7 JUNDIAI	Privada	FPJ	N	100
	Privada	UNIP	N	100
8 ADAMANTINA	Municipal	FAI	D\N	100
9 CAMPINAS	Privada	FACAMP	D\N	100
	Privada	PUC CAMPINAS	D\N	185
	Privada	UNIP	D\N	400
10 PIRACICABA	Privada	UNIMEP	N	80
11 RIBEIRAO PRETO	Privada	COC	D\N	100
	Privada	CBM	N	60
	Privada	UNAERP	N	60
12 S.J. DOS CAMPOS	Privada	UNIVAP	N	60
13 OSASCO	Municipal	FAC-FITO	N	100
	Privada	FIEO	N	160
	Privada	FIZO	D\N	150
	Privada	UNIVERSO	D\N	00
14 MOGI DAS CRUZES	Privada	UBC	N	160
	Privada	UMC	D\N	360
15 CATANDUVA	Municipal	FAFICA	N	50
16 FRANCA	Privada	UNIFRAN	N	120
17 MARILIA	Privada	UNIMAR	N	80
18 ARAÇATUBA	Privada	CUT	D\N	00
19 ARARAQUARA	Privada	UNIARA	N	70
	Privada	UNIP	N	100
20 LORENA	Privada	FATEA	N	50
21 ENG. COELHO	Privada	UNASP	D\N	120
22 ASSIS	Privada	IMESA	D\N	100
23 GUARULHOS	Privada	UNG	N	00
24 BEBEDOURO	Municipal	IMESB	D\N	60
25 HORTOLANDIA	Privada	FCSH	N	50
26 S.B. DO CAMPO	Privada	UMESP	D\N	320
27 VOTUPORANGA	Privada	UNIFEV	N	60
28 SANTOS	Privada	UNISANTOS	D\N	130
	Privada	UNIMONTE	N	50
	Privada	UNISANTA	D\N	200
	Privada	UNIP	N	100
29 SOROCABA	Privada	UNISO	N	80
30 ITU	Privada	FPM	N	120
31 LIMEIRA	Privada	ISCA	D\N	100
32 S.CAETANO DO SUL	Municipal	IMES	D\N	160
33 PRES. PRUDENTE	Privada	UNOESTE	D\N	00

CIDADE	CATEG.	INSTITUIÇÃO	PERÍODO	VAGAS
34 TAUBATE	Municipal	UNITAU	D\N	90
35 S.J. DA BOA VISTA	Municipal	FAE	N	50
36 CAMPO LIMPO PAULISTA	Privada	FACAMP	N	50
37 GUARUJÁ	Privada	UNAERP	N	60
TOTAL				11.080

Fonte: INEP- 2005.

Dos 86 cursos do Estado de São Paulo, 77 são privados, sete municipais e dois pertencem a rede estadual do ensino superior.

Na tabela 2, aparece o número de vagas divididas por períodos de acordo com as categorias das instituições. O total de 11.080 (\*) vagas representa o resultado de somente 79 cursos de jornalismo no Estado de São Paulo, porque 8 instituições não disponibilizaram o número de vagas de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais- INEP.

Tabela 2: número de vagas oferecidas no curso de jornalismo por escola e turno.

CATEGORIA	ESCOLAS	VAGAS	NOTURNO	DIURNO
MUNICIPAIS	7	610	420	190
ESTADUAIS	2	115	75	40
PRIVADAS	77	10.355	5.420	4.935
	86	11080(*)	5915	5165

Fonte: INEP- 2005

### **3.4 Análise dos objetivos dos planos de ensino em telejornalismo**

Os objetivos foram transcritos e se encontram no anexo C. Os nomes das instituições foram retirados para manter sigilo e foram substituídos pelos nomes de “Cursos” organizados com letras de A a N.

Foram analisados os objetivos dos planos da disciplina de telejornalismo, equivalente a 28 cursos que responderam gentilmente ao nosso pedido. Este número representa cerca de 33% dos cursos existentes em São Paulo. Dos 28 planos recebidos, 15 representam uma única instituição, portanto foram contabilizados para análise 14 planos.

Na maioria dos cursos a disciplina telejornalismo é dividida em dois módulos e aplicada geralmente aos alunos do sexto e sétimo períodos.

Para se fazer um entendimento sobre a disciplina de telejornalismo e a análise dos Planos de Ensino disponibilizados é importante buscar um referencial para entender melhor o que significa planejar pedagogicamente. Várias áreas utilizam o planejamento como perspectiva para atingir seus objetivos e todas são unânimes ao afirmar que o planejamento é “uma previsão metódica de uma ação a ser desencadeada e a racionalização dos meios para atingir os fins”. (TURRA, 1992, p.13).

O planejamento não deve ser considerado como pronto, definitivo e imutável, por ser uma previsão de ações deve ser passível de replanejamentos. O planejamento

é um processo, e o plano de ensino é um registro, um documento que deriva na maioria das vezes deste planejamento.

O plano escolar serve como um guia de orientação: é um meio de programar as ações dos docentes, estabelecendo linhas básicas de direção e a realização do ensino desejado. De acordo com Libâneo o planejamento é “um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. (LIBÂNEO,2004, p.222).

Ainda para Libâneo o planejamento deve ser dividido em seis etapas para garantir o andamento do processo de ensino-aprendizagem:

- 1.Explicitar princípios, diretrizes e procedimentos do trabalho docente que assegurem a articulação entre as tarefas da escola e as exigências do contexto social e do processo de participação democrática.

- 2.Expressar os vínculos entre o posicionamento filosófico, político-pedagógico e profissional e as ações efetivas que o professor irá realizar em sala de aula, através de objetivos, conteúdos, métodos e formas organizativas do ensino.

- 3.Assegurar a racionalização, organização e coordenação do trabalho docente, de modo que a previsão das ações docentes possibilite ao professor a realização de um ensino de qualidade e evite a improvisação e a rotina.

- 4.Prever objetivos, conteúdos e métodos a partir da consideração das exigências propostas pela realidade social, do nível de preparo e das condições sócio-culturais e individuais dos alunos.

5. Assegurar a unidade e a coerência do trabalho docente, uma vez que torna possível inter-relacionar, num plano, os elementos que compõem o processo de ensino: os objetivos, conteúdos, os alunos e suas possibilidades, os métodos e técnicas e a avaliação, que está intimamente relacionada aos demais.

6. Facilitar a preparação das aulas: selecionar o material didático em tempo hábil, saber que as tarefas professor e alunos devem executar, replanejar o trabalho frente a novas situações que aparecem no decorrer das aulas. (LIBÂNEO, 2004, p.223).

O plano de ensino serve então de instrumento para desenvolver o conhecimento científico e capacidades intelectuais junto aos alunos desenvolvendo novas habilidades. Quando as escolas de formação planejam seu processo de ensino “devem ter clareza de como o trabalho docente pode prestar um efetivo serviço à população e saber que conteúdos respondem às exigências profissionais, políticas e culturais postas por uma sociedade”. (LIBÂNEO, 2004, p.227)

Nos planos devem constar, entre outras informações, os objetivos que são aspectos que refletem o procedimento de ensino. Os planos são documentos que demonstram os interesses dos cursos e expõem o projeto pedagógico das escolas de formação.

Os objetivos são os resultados esperados dos alunos em termos de conhecimento (conceitos, fatos e teorias) e habilidades (formular hipóteses, observar, organizar seus estudos). Enfim é basicamente a descrição de conhecimentos a serem assimilados, habilidades e atitudes a serem desenvolvidas no término da disciplina expressas em termos do desempenho esperado do aluno. Pode-se afirmar então que

“esta organização de atividades ou experiências de aprendizagem contribuirá para que o aluno, ao executá-las seja capaz de alcançar o comportamento final que dele se espera” (TURRA, 1992, p.37).

- O Telejornalismo no Plano de Ensino -

Na análise dos 14 planos de ensino, 12 têm a disciplina de telejornalismo dividida em 2 módulos: um curso tem a disciplina dividida em dois módulos porém leva o nome de Telecinejornalismo e outro ainda leva o nome de Edição de Rádio e TV.

Três cursos apresentam o mesmo objetivo para os dois módulos da disciplina telejornalismo como mostram os planos 1 e 2 dos Cursos D, E e I:

*“proporcionar aos alunos noções básicas sobre telejornalismo. Realizar com os alunos a relação teórico-prática sobre jornalismo, telejornalismo e televisão, dando subsídios para o seu desenvolvimento e aprendizagem” (Curso D)*

*“fazer com que o aluno conheça a linguagem e o veículo televisivo em suas várias formas de apresentação, levando-o ao contato com os vários estágios da produção em telejornalismo como: produção de pautas, externas, revisão, edição e trabalho em equipe. Desenvolver no aluno o senso crítico e ético sobre o papel da imprensa na sociedade, fornecer embasamento sobre as questões sociais, políticas e econômicas e suas relações com a mídia televisiva”. (Curso E)*

*“transmitir aos alunos as técnicas de produção do telejornalismo, possibilitando a compreensão dos procedimentos adotados na produção, gravação e edição de reportagem, através de exercícios práticos em aula, a fim de que os alunos possam desenvolver a produção de um jornal laboratório em vídeo. Transmitir os conceitos de vídeo reportagem e documentários.” (Curso I)*

Dez dos 14 cursos apresentam objetivos gerais e os 4 cursos restantes do nosso universo de pesquisa trazem objetivo geral e objetivo específico.

Como vimos anteriormente, 12 cursos dividem a disciplina telejornalismo em 2 módulos, desta forma dividem também o conteúdo.

Na análise dos objetivos, no que refere ao conteúdo proposto, 11 planos apresentam a preocupação das instituições em mostrar para os alunos o que é o meio televisivo, foi verificado o uso de termos que: valorizam o domínio da técnica, enfatizam o histórico da televisão e propõe análise ética no telejornalismo.

- Domínio da Técnica -

Referimos ao domínio da técnica televisiva, como o domínio da linguagem e do texto televisivo. As instituições se preocupam em preparar o aluno para produzir pautas, reportagens, gravações, edições e trabalho em equipe. Algumas, ainda, deixam claro que os alunos devem aprender a manusear os equipamentos e desenvolver a técnica de exibição e transmissão de programas, sem deixar espaço para a reflexão ou crítica quanto ao conteúdo de cada um destes produtos. A exemplo dos Cursos B e L.

*“apresentar o meio televisão como produtor e veiculador de material jornalístico e tornar o aluno apto a produzir pautas, redigir textos jornalísticos e dominar as técnicas básicas de captação e apresentação em televisão” ( Curso B).*

*“Pretende-se que ao final do curso o aluno tenha as noções técnicas necessárias para a produção de um telejornal; que o aluno a compreenda e assimile a especificidade da linguagem televisiva” (plano 1 Curso L)*



Dos objetivos apresentados em 12 cursos de jornalismo do Estado de São Paulo, que têm 2 módulos, reservam para o módulo II, os conteúdos mais específicos relacionados às técnicas que desejam formar deixando de lado um pouco a teoria e partindo para a prática propriamente dita, produzindo reportagens, elaborando edições e apresentando jornais a exemplo do plano 2 dos Cursos A e N.

*“ difundir as técnicas de pesquisa, entrevista, reportagem, planejamento, captação e edição, estimulando a produção efetiva nessa área” (curso A)*

*“...aprofundar no conhecimento de formatos de transmissão de informação no meio. O desenvolvimento dos equipamentos que facilitam a comunicação eletrônica”. (plano 2 Curso N).*

Neste segundo momento da construção do conhecimento dos alunos em telejornalismo deveria ser mais reflexivo, contudo nas 12 instituições que dividem a disciplina, a técnica volta a surgir só que agora no domínio do formato. O desenvolvimento da prática aumenta em todas as produções, e novamente, sem a reflexão a respeito dos conteúdos e os alunos caminham sem enxergar o poder da televisão que está implícito em cada pauta, reportagem ou edição, como afirma Cremilda Medina (2002) que neste momento de produção é que são colocadas as variáveis que vão conduzir- manipular- os conteúdos de cada notícia.

Ainda sobre os planos que dividem em módulos I e II, há a preocupação em desenvolver as técnicas no primeiro módulo e aplicar a prática no segundo. Isto é claro nos objetivos dos planos 1 e 2 do Curso M

*“... transmitir aos alunos as técnicas de produção do telejornalismo, possibilitar a compreensão conceitual.....” (plano 1 Curso M)*

*e “....transmitir aos alunos as técnicas de produção do telejornalismo, possibilitar a vivências prática....” (plano 2 Curso M).*

Os cursos que não dividem a disciplina em módulos unem a teoria e prática se preocupando em relacionar a prática em TV e rádio.

*“habilitar o aluno a prática de redação, produção e edição de produtos relacionados à área de Rádio e TV...” (plano 1 Curso F)*

*“...fornecer o conhecimento dos diferentes formatos de telejornalismo”. (Curso K)*

Porém o plano 2 do curso G, não complementa no segundo módulo, as habilidades já apresentadas no módulo anterior, ao contrário apresenta uma continuidade:

*“ aplicar conhecimentos adquiridos no semestre anterior na realização de pautas e planejamento de reportagens e programas televisivos. Apurar, redigir textos e editar reportagens de curta duração. (plano 2 Curso G).*

- História da Televisão -

Nos objetivos voltados para a história do veículo, dois cursos apontam a questão da história em seus objetivos, porém, com diferenças importantes: um traz a história sem contexto, como o apresentado no Curso N, o qual não reconhece o poder da tv, na sociedade, inclusive utiliza o termo eletrodoméstico, para um veículo de comunicação e em outro sim surge uma preocupação com as relações dessa história e a sociedade Curso G.

*“...dar conhecimento do desenvolvimento da televisão desde a invenção do eletrodoméstico, das primeiras emissoras até os dias de hoje...”. (Curso N).*

*“....conhecer a história da televisão e a importância deste veículo na formação da cultura nacional....” (Curso G).*

O Curso G preparou o objetivo do plano 1, oferecendo ao aluno desde a história da televisão e sua importância na cultura nacional, e foi único que apresenta a questão ética como importante para a disciplina de telejornalismo

*“analisar criticamente os noticiários televisivos. Refletir sobre a ética na produção de programas de televisão. Conhecer a estrutura das redações de noticiários televisivos, identificando as diferentes funções. Conhecer as especificidades do texto televisivo e saber aplicá-las. Familiarizar-se com a linguagem técnica específica desse meio de comunicação. Saber fazer e desenvolver uma pauta, tendo em vista o tipo de programa e de público que se deseja atingir. Apurar notícia, redigir textos e editar reportagens de curtíssima duração” (plano 1 Curso G).*

- Reflexões e Ética no Telejornalismo -

O plano 2 do Curso L se preocupa em:

*“trazer a realidade do dia-a-dia das redações de TV, envolvendo o aluno na prática desta rotina” e acrescenta “colocar em prática a teoria discutida durante as aulas, desenvolver senso crítico sobre a linguagem de tv e a produção de telejornais e programas jornalísticos” (plano 2 Curso L).*

Oito cursos estão preocupados em formar alunos críticos como é o caso do Curso K que apresenta:

*“através de discussão de temas relacionados à televisão e seu conteúdo, desenvolver o espírito crítico sobre a programação da televisão de massa” (plano 1 Curso K) .*

Dos 14 cursos, três deles sugerem reflexão em seu conteúdo, como o objetivo do plano 1 do Curso F:

*“levar o aluno à reflexão do processo jornalístico no rádio e TV”.*

Ou ainda o plano 2 do Curso M que “ realiza atividades práticas para avaliar o trabalho produzido contribuindo para a formação de profissionais reflexivos em TV”.

A preocupação com a reflexão é mais latente no plano 2 do Curso C que pretende:

*“promover a reflexão aprofundada em torno de temas relevantes ao papel social do jornalista na televisão como um dos agentes formadores da opinião pública”*

Porém, somente um curso apresenta em seu objetivo a palavra manipulação e alerta para o uso político da televisão:

*“o uso político do veículo e a manipulação da notícia na TV, dentro e fora do país” (plano 2 Curso N).*

Quando o assunto é ética, dos 14 cursos, somente três discutem o tema com seus alunos, como é o caso dos Cursos G e E.

*“refletir sobre a ética na produção de programas de televisão”.(plano 1 Curso G)*

*e “ desenvolver no aluno o senso crítico e ético sobre o papel da imprensa na sociedade...” (plano 2 do Curso E).*

Já o plano 2 do Curso J se preocupou em trazer o tema ética em seu objetivo, porém não conclui seu desejo de desenvolvimento habilitativo junto aos alunos quando apresenta em seu texto:

*“Produzir telejornais com conteúdo ético e responsável, gerando assim, segurança e conhecimento da atividade jornalística” (Plano 2 Curso J).*

Nota-se que todos os objetivos dos 14 cursos são voltados para a formação técnica dos alunos. Os cursos se preocupam em desenvolver o domínio da linguagem televisiva junto aos alunos e que eles conheçam e aprendam a manusear os equipamentos e tenham as técnicas básicas de redação. Alguns trazem até

preocupação com a postura e a locução que os alunos devem ter durante a apresentação de um telejornal. Poucos são os cursos que trazem nos seus objetivos a preocupação com a reflexão crítica de seus alunos e da postura ética da função que o telejornalismo exige.

Portanto, de acordo com os resultados da pesquisa, cerca de 33% das escolas de formação de jornalistas no Estado de São Paulo têm como objetivo em seus planos de trabalho nas disciplinas de telejornalismo tendência tecnicista visando o mercado de trabalho e não permitindo espaço para o desenvolvimento crítico e reflexivo dos alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste trabalho é verificar os planos de ensino das escolas de formação em jornalismo, mais especificamente em telejornalismo, no Estado de São Paulo. Através destes objetivos das disciplinas, contidos nos planos, pretendo identificar o que estas escolas desejam formar procurando conhecer os objetivos que o curso tem com relação ao profissional que está formando, como estão sendo preparados os alunos que vão atuar nas redações das emissoras de televisão nas questões ligadas ao conteúdo, técnica e habilidades que desejam formar. Tendo como hipótese que os professores desta disciplina, e, portanto em seu plano de estudo, valorizam mais as questões técnicas, habilidades de manejo, em detrimento de conteúdos reflexivos.

A análise dos objetivos contidos nos planos de ensino de telejornalismo, analisados nesta pesquisa, permitiu verificar o enfoque no domínio da técnica, da linguagem da televisão e do texto, como também noções dos equipamentos utilizados na produção de notícia e como manuseá-los, enfim para o desenvolvimento de capacidades e habilidades voltadas à parte funcional da tv e do profissional na sua prática cotidiana, com pouca referência sobre o contexto sócio econômico e político que a televisão está inserida, assim como pouca reflexão sobre o próprio

comportamento dos futuros profissionais a refletirem sobre sua atuação, caso contrário podem correr o risco de uma atuação ingênua e causar danos ao outro.

Considero que a pouca discussão teórico-crítico-reflexiva pode formar profissionais com um aprendizado restrito e que oferece poucas possibilidades e habilidades para a autonomia intelectual. Acredito ainda, que as escolas com um projeto político pedagógico voltado a habilidades menos técnica e com maior preocupação com a reflexão e a ética, possam contribuir com um profissional mais crítico, comprometido e emancipado.(ADORNO, 1995).

Os dados encontrados nesse presente estudo, não podem ser generalizados, mas nos permite propor continuidade de pesquisas que envolvam a prática desses planos na sala de aula. Seria importante conhecer se o professor que está como executor dos planos de ensino, como ele pensa e atua na disciplina de telejornalismo, frente aos alunos. Pesquisas sobre as relações professor e aluno a opinião de alunos e egressos, o ambiente escolar, enfim aspectos que envolvam qualitativamente o desenvolvimento da disciplina para que as escolas de formação realizem uma leitura da realidade do profissional que estão habilitando.



A notícia apresentada por um telejornalista que refletiu sobre sua prática e a sociedade, estabelece respeito mútuo. Atitudes importantes para que a sociedade seja menos manipulada e possa refletir sobre as notícias divulgadas.

Uma profissão que pode influenciar a opinião pública deve ter um olhar diferenciado para a formação desses profissionais.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003.

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_. In: CONH, Gabriel (org.). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Nacional, 1971.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **A indústria Cultural. O iluminismo como mistificação da massa**. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. Lisboa, 1977.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Jinkings Editores Associados, 1997.

CAPARELLI, Sérgio. **Televisão e Capitalismo no Brasil**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1982

CARVALHO, Carlos Henrique de; ARAUJO, José Carlos Souza; GONÇALVES NETO, Wenceslau. In: José Carlos Araújo e Décio Gatti Júnior (orgs.). **Novos temas em**

**história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa.**

Uberlândia: EDUFU, 2002.

COSTA, Alcir Henrique. **Rio e Excelsior: Projetos Fracassados?** In Um país no ar- História da TV brasileira em três canais. São Paulo: Ed. Brasiliense/Funarte, 1986.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Codificação em Jornalismo- redação, captação e edição no jornalismo.** São Paulo: Ática, 1991.

ESTEVES, Fernanda. **Desculpem nossa falha: a batalha diária de uma repórter de TV.** Rio de Janeiro: Record, 1993.

FORT, Mônica Cristine. Jornalistas ou comunicadores sociais. **Revista PUC- PR.** Volume 01, número 1. Março, 2000. p.19.

FURTADO, Rubens. Da Rede Tupi à Rede Manchete, uma visão histórica, in MACEDO, Cláudia et al. (org.), **TV ao vivo- Depoimentos.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

GENRO, Adelmo. **O segredo da pirâmide.** Porto Alegre: Tchê, 1977.

GIGLIO, Ermelindo T. In: Anais do Seminário **Pedagogia da imagem-Imagem na pedagogia.** Faculdade de Educação. Universidade Federal Fluminense, 1995.

HENNING, Hermano. **Via satélite.** São Paulo: Globo, 1996.

HERZ, Daniel. **A história secreta da Rede Globo.** Porto Alegre: Ed. Ortiz, 1989.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacional. Disponível em: <http://www.inep.gov.br> . último acesso 14 set. 2005.

KHEL, Maria Rita. **Eu vi um Brasil na TV**. In Um país no ar – História da TV Brasileira em três canais, São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1986.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1982.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

LIMA, Fernando Barbosa. & MACHADO, Arlindo & PRIOLLI, Gabriel. **Televisão e Vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 1985.

MARCONDES FILHO. Ciro. **O capital da notícia. Jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1986.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MATTELART. Armand. **O carnaval das imagens. A ficção na TV**. São Paulo: Brasiliense. 1989.

MEDINA. Creuza Araújo. **Entrevista – o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2002.

MORIN. Edgard. **A cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro : Bertrand, 2000

\_\_\_\_\_. **Cultura de massa no século XX- o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

PEREIRA. Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

PETRAGLIA, Cláudio. Definição de um projeto: Rede Bandeirantes, in Macedo, Cláudia et al. (org.), **TV ao vivo- depoimentos**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

PATERNOSTRO. Vera Iris. **O texto na TV- manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

ROLDÃO. Ivete Cardoso. **O jornalista que vai atuar na televisão: um estudo de sua formação em três faculdades do interior de São Paulo**. Dissertação de Mestrado, Campinas: Faculdade de Educação, Puc-Campinas, 1996.

SIGAL. Leon. Sources make the news. In: MANOFF. Robert Karl, SCHUDSON, Michel. **Reading the news**. New York: Pantheon Books, 1986.

SOUSA. Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**, Chapecó: Argos, 2002.

SQUIRRA. Sebastião. **Aprender Telejornalismo- produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TRAQUINA. Nelson. As notícias. **Revista de Comunicação e Linguagens**. Lisboa, Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens. 1988.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia. Estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona: Gili, 1983.

TURRA, Clódia Maria Godoy. Et al. **Planejamento de ensino e avaliação**. Porto Alegre: Sagra Editora, 1992

VIEIRA. Geraldinho. **Complexo de Clark Kent: são super-homens os jornalistas?** São Paulo: Summus, 1991

YORK. Ivo. **Jornalismo diante das câmeras**. São Paulo: Summus, 1998.

ZALLO. Ramón. Novas Tendências econômicas da cultura industrializada. Processos culturais de trabalho e movimentos de capital na Europa nos anos 60-80. In: KUNSCH,

Margarida Krohling (org.). **Indústrias culturais e os desafios. Integração latino-americana**. São Paulo: Intercom, 1993.

## **ANEXOS**

**ANEXO A – Carta enviada às escolas de formação pedindo os planos de ensino.****Universidade de Sorocaba****Programa de Mestrado em Educação**

Para a Coordenação do Curso de Jornalismo

Eu, professor José Raul Araujo, estou desenvolvendo um projeto de mestrado, sob a orientação da Profa. Dra. Eliete Jussara Nogueira, sobre a formação do jornalista que vai atuar na televisão, para tanto pretendo analisar os planos de ensino utilizados na disciplina de Telejornalismo (I e II, ou equivalente), em diferentes universidades do Estado de São Paulo.

Por isto, gostaria de incluir sua instituição na amostra de análise, ressaltando que não serão divulgados os planos de ensino (ou trabalho) na íntegra, pois o objetivo é a análise do conteúdo da disciplina. Se puder colaborar peço que envie o plano que contenha: ementa, objetivo(s) e bibliografia referentes às disciplinas de TELEJORNALISMO (I e II).

Como esta pesquisa tem um cronograma a cumprir, peço gentilmente que, a resposta com o envio do plano, seja dada neste e-mail até dia 25\06\05.

É importante informar que a disposição de sua instituição em participar é muito importante para a realização deste estudo e que os resultados serão apresentados e publicados preservando o sigilo dos participantes e o nome da instituição.

Na certeza de contar com sua contribuição, me despeço agradecendo antecipadamente.



**ANEXO B – Registro dos cursos no INEP- Inst. Nac. de Pesquisas Educacionais**UNIVERSIDADE DE SOROCABA - UNISO

A instituição

Habilitação: JORNALISMO

Curso: COMUNICAÇÃO SOCIALMunicípio de funcionamento:  
SOROCABA

Diploma(s) Conferido(s):          Bacharel

Modalidade:	Ensino Presencial
Data de início do funcionamento do curso:	06/03/1995
Prazo para integralização do curso:	8 Semestres
Carga Horária Mínima do Curso:	3200 horas/aula
Regime Letivo:	SEMESTRAL

Turnos de Oferta:          Noturno

Vagas Autorizadas:          Noturno: 80

**Dados Legais**

Dados de Criação/Autorização:

Documento:	Resolução CONSU/UNISO
Nº. Documento:	004 de 07/12/1994
Data de publicação:	07/12/1994
No. Parecer / Despacho:	
Data Parecer / Despacho:	

Dados de Reconhecimento:

Documento:	Portaria MEC
Nº. Documento:	563 de 22/03/1999
Data de Publicação:	24/03/1999
Período de Validade:	3 anos
No. Parecer / Despacho:	184/1999 CES/CNE
Data Parecer / Despacho:	24/02/1999

Data Final:

---

Dados de Renovação:

Documento:	Portaria MEC
Nº. Documento:	2.617 de 25/07/2005
Data de publicação:	26/07/2005
Período de Validade:	
No. Parecer / Despacho:	1.491/2005 SESu
Data Parecer / Despacho:	

ANEXO C – Transcrição dos objetivos identificados nos panos de ensino das disciplinas de Telejornalismo (1 e 2), de acordo como são apresentados pelas instituições.

#### CURSO A (Público)

##### PLANO 1

###### OBJETIVOS:

Analisar o desenvolvimento do telejornalismo brasileiro.

Apresentar e discutir as principais características do telejornalismo.

Trabalhar metodologias pertinentes à produção de telejornais.

Abordar de forma crítica as manifestações jornalísticas existentes na TV.

Fornecer subsídios teóricos e práticos para a elaboração de telejornais em todas as suas etapas.

##### PLANO 2

###### OBJETIVOS:

Discutir as principais características de linguagem, apresentação e produção de programas de entrevistas e documentários;

Apresentar e analisar de forma crítica produções desses dois gêneros;

Fornecer subsídios teóricos e práticos para a elaboração de pautas, argumentos, sinopses e roteiros para meios audiovisuais;

Difundir as técnicas de pesquisa, entrevista, reportagem, planejamento, captação e edição, estimulando a produção efetiva nessa área.

## CURSO B (Privado)

### PLANO 1

#### OBJETIVOS:

Apresentar o meio televisão como produtor e veiculador de material jornalístico e tornar o aluno apto a produzir pautas, redigir textos jornalísticos e dominar as técnicas básicas de captação e apresentação em televisão.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Capacidade de redigir textos jornalísticos adequando-os ao meio televisão

Desenvolver domínio da linguagem de televisão compreendendo competência para redigir pautas, offs, passagens, boletins e cabeças de matérias de telejornais

Capacidade de realizar sonoras, passagens e offs com uso de microfone, postura e locução adequadas.

### PLANO 2

#### OBJETIVOS:

Capacitar o aluno para dominar o processo de elaboração da notícia e reportagem para televisão

Produzir Reportagens de TV para o Projeto TVT

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Capacitar o aluno para dominar a linguagem de televisão

Dominar os processos de levantamento e produção de pautas, captação de notícia em campo, edição do material captado, finalização do material para divulgação.

Dominar as técnicas de redação de cabeças de matéria, offs, passagens e apresentação da notícia de televisão.

Produzir matérias televisivas para projeto TVT

#### CURSO C (Privado)

#### PLANO 1

#### OBJETIVOS:

Fornecer aos alunos condições de refletir sobre a prática do telejornalismo de forma generalizada, a partir de uma perspectiva histórica da evolução da televisão.

Introduzir as noções básicas da prática do telejornalismo, da teoria à prática.

Capacitar os alunos a produzir e a editar matérias para veiculação em telejornais de acordo com a linguagem televisiva.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Analisar e discutir os formatos do telejornalismo em sala de aula.

Gravar stand up e boletim individualmente, e matérias para edição com a participação de toda a equipe.

Planejar a gravação de uma edição piloto de um telejornal a ser apresentado em duplas no estúdio de TV.

### PLANO 2

#### OBJETIVOS:

Fornecer aos alunos condições de criar e produzir programas jornalísticos de acordo com as diferentes modalidades televisivas.

Promover a reflexão aprofundada em torno de temas relevantes ao papel social do jornalista na televisão como um dos agentes formadores da opinião pública.

Capacitar os estudantes a trabalhar em equipes técnicas, assumindo o comando do conteúdo a ser veiculado por circuitos abertos e fechados de televisão.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Escrever, gravar e editar telejornais e documentários no formato digital.

Roteirizar scripts para produção de telejornais, matérias especiais, documentários e programas especiais.

Planejar e efetuar a cobertura jornalística de eventos para televisão.

## CURSO D (Privado)

### PLANO 1

#### OBJETIVOS:

Proporcionar aos alunos noções básicas sobre telejornalismo.

Realizar com os alunos a relação teoria-prática sobre jornalismo, telejornalismo e televisão, dando subsídios para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

### PLANO 2

#### OBJETIVOS:

Proporcionar aos alunos noções básicas sobre telejornalismo.

Realizar com os alunos a relação teoria-prática sobre jornalismo, telejornalismo e televisão, dando subsídios para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

## CURSO E (Privado)

### PLANO 1

#### OBJETIVOS:

Fazer com que o aluno conheça a linguagem e o veículo televisivo em suas várias formas de apresentação, levando-o ao contato com os vários estágios da produção em telejornalismo como: produção de pautas, externas, revisão, edição e trabalho em equipe.

Desenvolver no aluno o senso crítico e ético sobre o papel da imprensa na sociedade, fornecer embasamento sobre as questões sociais, políticas e econômicas e sua relação com a mídia televisiva.

### PLANO 2

#### OBJETIVOS:

Fazer com que o aluno conheça a linguagem e o veículo televisivo em suas várias formas de apresentação, levando-o ao contato com os vários estágios da produção em telejornalismo como: produção de pautas, externas, revisão, edição e trabalho em equipe.

Desenvolver no aluno o senso crítico e ético sobre o papel da imprensa na sociedade, fornecer embasamento sobre as questões sociais, políticas e econômicas e sua relação com a mídia televisiva.



## CURSO F (Privado)

### PLANO 1

#### OBJETIVOS:

Habilitar o aluno à prática de redação, produção e edição de produtos relacionados à área de Rádio e TV. Levar o aluno à reflexão do processo jornalístico no rádio e TV. Desenvolver o senso crítico sobre a importância das linguagens e dos veículos, bem como a produção de reportagens (VTs), notas (simples e cobertas), grandes reportagens e documentários. Noções de produção em TV.

## CURSO G (Privado)

### PLANO 1

#### OBJETIVOS:

Conhecer a história da televisão e a importância deste veículo na formação da cultura nacional.

Analisar criticamente os noticiários televisivos.

Refletir sobre a ética na produção de programas de televisão.

Conhecer a estrutura das redações de noticiários televisivos, identificando as diferentes funções.

Conhecer as especificidades do texto televisivo e saber aplicá-las.

Familiarizar-se com a linguagem técnica específica (jargão) desse meio de comunicação.

Saber fazer e desenvolver uma pauta, tendo em vista o tipo de programa e de público que se deseja atingir.

Apurar notícias, redigir textos e editar reportagens de curtíssima duração.

## PLANO 2

### OBJETIVOS:

Aplicar conhecimentos adquiridos no semestre anterior na realização de pautas, e planejamento de reportagens e programas televisivos.

Apurar notícias, redigir textos e editar reportagens de curta duração.

Pauta; Planejamento de reportagens; Edição; Reportagem.

## CURSO H (Privado)

## PLANO 1

### OBJETIVOS:

Identificar e dominar as técnicas de produção do jornalismo na TV.

Desenvolver a leitura crítica dos produtos jornalísticos da TV.

Conhecer a história, o desenvolvimento da linguagem e do aparato técnico da TV.

Pautar, produzir e editar reportagens de TV.

#### OBJETIVO ESPECÍFICO:

Conhecer e manusear os equipamentos de áudio e vídeo.

Identificar os elementos da linguagem audiovisual e os resultados de cada opção.

Desenvolver a expressão através da linguagem audiovisual.

Realizar entrevistas para a TV.

Redigir para a TV.

Pesquisar, pautar e produzir reportagens de TV.

Editar as reportagens.

#### PLANO 2

##### OBJETIVOS:

Ampliar o conhecimento, a análise, a crítica e a capacidade de produção jornalística em TV.

Realizar a produção de telejornais e programas de TV.

Refletir e experimentar as diversas funções desempenhadas pelos jornalistas na produção audiovisual e nas redações de TV.

Identificar demandas de comunicação em entidades, instituições e ONGs. Desenvolver produtos jornalísticos dando seqüência ao projeto COMUNICAÇÃO PARA QUEM PRECISA.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Identificar a origem das pautas, discutir, elaborar e produzir pautas.

Realizar trabalhos práticos em grupo com funções definidas visando a produção e edição de diversos formatos de matérias de TV.

Definir e pesquisar as características e elementos necessários para a produção de matérias de serviço, de perfil de um personagem e de uma grande reportagem.

Captar em vídeo imagens e entrevistas.

Editar e finalizar matérias em vídeo.

Adaptar e redigir textos para a TV.

Articular diversas matérias num único programa com chamadas e destaques.

Praticar a linguagem audiovisual no estúdio de TV.

Analisar diversos formatos de documentários. Verificar especificidades e tratamento da pauta.

CURSO I (Privado)

PLANO 1

## OBJETIVOS:

Transmitir aos alunos as técnicas de produção do telejornalismo, possibilitando a compreensão dos procedimentos adotados na produção, gravação e edição da reportagem, através de exercícios práticos em aula, a fim de que os alunos possam desenvolver a produção de um jornal-laboratório em vídeo. Transmitir os conceitos de vídeo reportagem e documentários.

Específicos: Fornecer elementos para que o estudante tenha condições de exercitar a técnica jornalística em televisão, seguindo os conceitos da literatura disponível.

## PLANO 2

### OBJETIVOS:

Transmitir aos alunos as técnicas de produção do telejornalismo, possibilitando a compreensão dos procedimentos adotados na produção, gravação e edição da reportagem, através de exercícios práticos em aula, a fim de que os alunos possam desenvolver a produção de um jornal-laboratório em vídeo. Transmitir os conceitos de vídeo reportagem e documentários.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Fornecer elementos para que o estudante tenha condições de exercitar a técnica jornalística em televisão, seguindo os conceitos da literatura disponível.

#### CURSO J (Privado)

##### PLANO 1

##### OBJETIVOS:

Gerar no aluno embasamento para direção, planejamento e produção de programas de televisão, proporcionar conhecimento para domínio da linguagem televisiva e sua influência no mercado consumidor nacional.

##### PLANO 2

##### OBJETIVOS:

Produzir telejornais com conteúdo ético e responsável, gerando assim, segurança e conhecimento da atividade jornalística

#### CURSO K (Privado)

##### OBJETIVOS:

Preparar o aluno para a produção de reportagens dirigidas a diferentes públicos. Através da discussão de temas relacionados à televisão e seu conteúdo, desenvolver o espírito crítico sobre a programação da televisão de massa. Fornecer o conhecimento dos diferentes formatos do telejornalismo.

### CURSO L (Privado)

#### PLANO 1

##### OBJETIVOS:

Pretende-se que ao final do curso, o aluno tenha as noções técnicas necessárias para a produção de um telejornal; que o aluno a compreenda e assimile a especificidade da linguagem televisiva, a fim de que, ao final do semestre, ele esteja apto a fazer uma leitura crítica desse meio de comunicação; tenha noções de reportagem suficiente para que possa aplicá-la na prática, desenvolvendo, assim, suas competências.

#### PLANO 2

##### OBJETIVOS:

Trazer a realidade do dia-a-dia das redações da TV, envolvendo o aluno na prática dessa rotina. Colocar em prática a teoria discutida durante as aulas, desenvolver senso crítico sobre a linguagem de tv e a produção de telejornais e programas jornalísticos.

## CURSO M (Privado)

### PLANO 1

#### OBJETIVOS:

Transmitir aos alunos as técnicas de produção do telejornalismo, possibilitar a compreensão conceitual dos seguintes pontos: a especificidade da linguagem usada no telejornalismo, funções dos profissionais envolvidos na equipe de telejornalismo, procedimentos adotados na produção, gravação e edição de reportagem através de exercícios práticos em aula.

Equipamentos utilizados e contextos de produção da notícia.

### PLANO 2

#### OBJETIVOS:

Transmitir aos alunos as técnicas de produção do telejornalismo, possibilitar a vivência prática dos seguintes pontos: a especificidade da linguagem usada, produção, gravação e edição de reportagens e documentários; procedimentos adotados no fechamento do telejornal. Realizar atividades práticas para avaliar o trabalho produzido contribuindo para a formação de profissionais reflexivos em TV.



## CURSO N (Privado)

### PLANO 1

#### OBJETIVOS:

Dar conhecimento do desenvolvimento da televisão desde a invenção do eletrodoméstico, das primeiras emissoras até os dias de hoje. Expor a história da televisão no mundo e Brasil, assim como a história do telejornalismo. Analisar criticamente e praticar os formatos de transmissão de notícia no veículo.

### PLANO 2

#### OBJETIVOS:

Dar conhecimento do desenvolvimento das emissoras e dos programas telejornalísticos no Brasil e no exterior. O Uso político do veículo e a manipulação na notícia na TV, dentro e fora do país. Aprofundar no conhecimento de formatos de transmissão de informação no meio. O desenvolvimento dos equipamentos que facilitam a comunicação eletrônica.